



O PROJETO DE R\$ 36 BILHÕES

O investimento programado para 106 projetos consolidados em dez eixos de integração, segundo o Projeto Centro-Oeste Competitivo, traria um ganho logístico anual de R\$ 7,2 bilhões e se pagaria em apenas cinco anos



ENTREVISTA

Embaixador do Brasil na Coreia do Sul desde 2009, Edmundo Sussumu Fujita identifica espaço para cooperação entre pequenas e médias empresas coreanas e brasileiras, com "benefícios recíprocos e originais".

28 a 31 de Outubro 2014

Centro de Convenções de Goiânia-GO das 14h às 21h



Números FFATIA 2012

R\$ 180 milhões em negócios durante e depois da feira

23.800 visitantes qualificados

R\$ 7,5 milhões em contratos fechados durante a rodada de negócios

mais de **180** expositores

Feira simultânea

sucroeste.com.br

SUCROESTE

4ª Mostra Sucroenergética da Região Centro-Oeste

Seja expositor desse evento de sucesso, reserve já seu espaço!
Contato comercial - 16 2132.8936 / comercial@ffatia.com.br
www.ffatia.com.br - www.facebook.com/feiraffatia

“Fieg e Fórum das Entidades Empresariais foram ao governador Marconi Perillo e ao ministro Edison Lobão, de Minas e Energia, que sinalizaram com a solução do angustiante problema (da Celg), que esperamos com grande ansiedade”.

Pedro Alves de Oliveira

Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás



FELIZ ANO NOVO

2013 foi um ano de dificuldades, que exigiram muito trabalho e apresentaram bons resultados para a economia goiana, sobretudo no que diz respeito à consolidação e expansão de nosso parque industrial. Valeu muito a parceria entre iniciativa privada e poder público, a atuação do Fórum das Entidades Empresariais e do governo do Estado.

Considerando a taxa acumulada no ano até o terceiro trimestre de 2013, o PIB de Goiás fechará com crescimento acima de 3%, portanto superior aos resultados estimados para o Brasil. Segundo o Banco Central, o PIB brasileiro, incorporando os resultados do terceiro trimestre, divulgados pelo IBGE, atingirá expansão de 2,5%.

A indústria goiana criou 37.847 novos postos de trabalho, entre janeiro e outubro de 2013, de acordo com o Caged. Os setores químico e farmacêutico e de construção se destacaram, com 10.003 e 13.416 novas vagas, respectivamente. Registra a RAIS de 2012 que o segmento empregava 336.926 trabalhadores, 7,17% a mais do que em 2011, devendo crescer 6,14% em 2013. Goiás possuía, em 2012, 21.097 estabelecimentos industriais, sendo 98% de micro e pequeno portes, e crescera 6,2%, comparado a 2011, quando tinha 19.858 indústrias.

As atividades econômicas, estimadas pelo IMB/Segplan, ainda preliminarmente por depender de um conjunto de pressupostos sobre o comportamento de variáveis exógenas – tais como taxas de juros, câmbio, oferta de crédito etc. – devem ter fechado o ano com a agropre-

cuária sinalizando crescimento de 2,7%; a indústria, 2,6% e serviços, 3,4%.

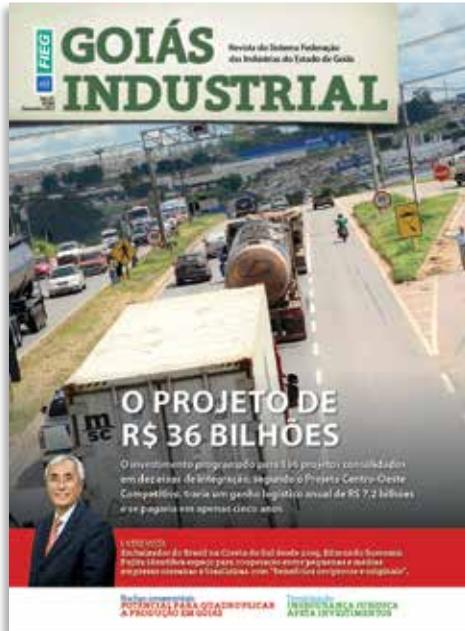
Mas nem tudo são flores. Nossa logística para exportação de soja e milho falhou muito, pela distância dos portos e falta de modais mais eficientes. As federações do Centro-Oeste reagiram e, juntas, obtiveram apoio da CNI e CNA e encomendaram o projeto Centro-Oeste Competitivo, constituindo um norte para viabilização da nova logística.

Em Goiás, onde a precariedade de nossas rodovias foi uma lástima, o governo estadual revitaliza a malha viária. A realização da BR-060, Goiânia, Rio Verde, Jataí, próxima da conclusão, representa um marco importante, cujo princípio se deveu ao trabalho de nosso líder e ex-presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira.

O maior gargalo em Goiás continua sendo a Celg, sem condições de investimento, causador de prejuízos vultosos às empresas e desconforto e insegurança à população. Fieg e Fórum das Entidades Empresariais foram ao governador Marconi Perillo e ao ministro Edison Lobão, de Minas e Energia, que sinalizaram com a solução do angustiante problema, que esperamos com grande ansiedade, para ter um feliz ano novo.

As dificuldades existiram e continuarão existindo. São o tempero da vida, mas a Fieg, os presidentes de sindicatos e o Fórum das Entidades Empresariais continuarão coesos e determinados no propósito de romper as barreiras, trabalhando em prol de nosso crescimento socioeconômico.

>> CAPA



24 Com recursos de R\$ 36,4 bilhões, distribuídos entre 106 projetos consolidados em torno de dez eixos de integração econômica, o Projeto Centro-Oeste Competitivo prevê ganhos anuais de quase 2% do PIB regional, o que permitiria recuperar todo o investimento em apenas meia década, com redução de 23% nos custos logísticos

>> ENTREVISTA

8 O embaixador brasileiro na Coreia do Sul, Edmundo Sussumu Fujita, projeta perspectivas positivas de cooperação entre empresas pequenas e médias coreanas e brasileiras, com possibilidades de benefícios para os dois lados. Mas será preciso, acrescenta ele, uma dose a mais de ousadia para “romper a inércia e a acomodação” que muitas vezes deixam as empresas brasileiras em posição de desvantagem no cenário internacional.

>> MISSÃO ÁSIA

12 O processo de aproximação entre Goiás, Japão e Coreia do Sul deverá ser lançado a uma nova fase a partir de 2014, como um dos principais resultados da missão empresarial comandada pela Fiegg àqueles dois países no final de setembro passado

>> SENAI GOIÁS

16 A Em mais uma iniciativa para atender a demandas do setor industrial, o Senai Goiás vai turbinar a oferta de vagas para formação e qualificação de trabalhadores em seus diversos cursos, além de acelerar a constituição de parcerias para enfrentar a falta de mão de obra qualificada, gargalo apontado por 65% das empresas dos setores de transformação e de extração mineral

>> SESI GOIÁS

19 Criada para reduzir os índices de acidentes de trabalho, sua realização é obrigatória, segundo determina a legislação trabalhista. Mas, com o apoio do Sesi Goiás, as empresas procuram tornar mais atrativa a Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (Sipat), incluindo na programação palestras educativas e preventivas, teatro, atividades recreativas e aulas motivacionais, em muitos casos, gratuitos.

>> ENERGIA

22 Enquanto o Congresso não dá sua palavra final sobre o Projeto de Lei 4.330/2004, que propõe normas para regular a terceirização, as empresas enfrentam um cenário de “grande insegurança jurídica”, o que já estaria afetando decisões de investimento, afirma Célio Eustáquio de Moura, presidente do Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás (Sindcel)



» IEL GOIÁS

31 Os serviços de consultoria empresarial prestados pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL) ajudam empresas a enxergar, organizar e conduzir seus negócios com menos entraves, ajustando os processos às práticas de mercado, como mostra o exemplo da Telecomunicações de Goiás (Telgo), instalada em Anápolis

» CABECEIRA GRANDE

34 Presente desde 2010 em Cabeceira de Goiás, cidade mineira a 130 quilômetros de Brasília, o Senai Goiás decidiu desenvolver novas ações destinadas à geração de emprego e renda no município, com a realização de cursos para capacitação nas ocupações de eletricitista de máquinas agrícolas, mecânico de manutenção de tratores (sistemas hidráulicos e estrutura), além de aulas de pintura em tecido e patchwork

» EXTRAÇÃO DE AREIA

36 O Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás (Sindiareia), presidido pelo empresário Gilberto Martins da Costa, estabeleceu um projeto ambicioso, estrategicamente planejado para ampliar sua base de associados, atrair para a formalidade maior número de indústrias e tornar o setor mais competitivo, com responsabilidade social e respeito ao meio ambiente

» ROCHAS ORNAMENTAIS

37 O Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran), segundo seu presidente, Eliton Rodrigues Fernandes (foto), concentra esforços para desenvolver a cadeia produtiva do setor no Estado. Tomando como base o potencial das jazidas existentes, a produção goiana, atualmente em torno de 800 metros cúbicos, poderia saltar para 3 mil m³, caso o setor recebesse apoio e pudesse contar com políticas públicas mais favoráveis.

» ICQ BRASIL

39 Certificada pelo ICQ Brasi, a Pontal Engenharia desenvolve uma série de ações permanentes para a gestão de equipamentos de segurança, com impactos positivos sobre os indicadores de acidentes de trabalho nas obras e empreendimentos que conduz, afirma a engenheira de segurança e meio ambiente da empresa, Grace Cury

» INOVAÇÃO

40 A Data Traffic, empresa criada em 1996 e especializada no desenvolvimento e fornecimento de sistemas inteligentes para controle, planejamento e fiscalização do trânsito, com aplicações ainda nas áreas de segurança pública, inspeção veicular e engenharia, foi a vencedora da etapa regional do Prêmio Finep 2013, na categoria média empresa. "A premiação nos deu a certeza de que estamos no caminho certo", celebra Júlio César Monteiro Borges, gerente de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) da empresa.

» GSA ALIMENTOS

41 Nos próximos sete anos, o grupo GSA Alimentos espera crescer quase seis vezes, elevando suas receitas anuais para R\$ 1 bilhão e abrindo empregos para 3 mil pessoas, três vezes e meia a mais do que as 850 empregadas atualmente, projeta seu diretor-presidente, Sandro Marques Scodro (foto)

» MEMÓRIA

43 Aos 30 anos de idade, a Zuppani Industrial está com tudo preparado para dobrar sua produção e conquistar mercados em novas regiões, incluindo o Sudeste do País, anunciam os irmãos Ricardo e Eduardo Zuppani, sócios da empresa (foto).



GOIÁS INDUSTRIAL



Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Geraldo Neto

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem

Andelaide Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Edilaine Pazini, Jâvier Godinho, Nathalya Toalirari e Janaina Staciari e Corrêa

Colaboração

Wellington da Silva Vieira

Fotografia:

Sílvio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações

Gabriel Martins e Chico Santos

Projeto gráfico

Wesley Cesar

Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing

Rua S-6 nº 129, Sala 01, Setor Bela Vista (62) 3242-9095

www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

Impressão

Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:

Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO Fone (62) 3219-1300 Fax (62) 3229-2975

Home page:

www.sistemafieg.org.br

E-mail:

fieg@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente:

Ubiratan da Silva Lopes

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail:

patricia.regionalanapolis@sistemafieg.org.br

ubiratan.regionalanapolis@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional:

Pedro Alves de Oliveira

Superintendente:

Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Diretor Regional:

Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor:

Hélio Naves

Superintendente:

Humberto Oliveira

ICQ BRASIL

Instituto de Certificação

Qualidade Brasil

Diretor:

Justo O. D'Abreu Cordeiro

Superintendente em exercício:

Dayana Costa Freitas Brito

Diretoria da FIEG

Presidente

Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente

Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente

Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente

Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário

Marley Antônio da Rocha

2º Secretário

Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro

André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro

Hélio Naves

Diretores

Segundo Braoios Martinez

Sandro Marques Scodro

Orizomar Araújo Siqueira

Ubiratan da Silva Lopes

Manoel Paulino Barbosa

Robson Peixoto Braga

Roberto Elias de L. Fernandes

José Luis Martin Abuli

Álvaro Otávio Dantas Maia

Eurípedes Felizardo Nunes

Jair Rizzi

Henrique W. Morg de Andrade

Eduardo Gonçalves

Leopoldo Moreira Neto

Flávio Paiva Ferrari

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Daniel Viana

Oswaldo Ribeiro de Abreu

Elvis Roberson Pinto

Eduardo José de Farias

Valdenício Rodrigues de Andrade

Ailton Aires de Mesquita

Hermínio Ometto Neto

Carlos Alberto Vieira Soares

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

Josélio Vitor da Paixão

Jaime Canedo

Conselho Fiscal

Justo O. D'Abreu Cordeiro

Laerte Simão

Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes

junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira

Sandro Antônio Scodro

Conselho de

Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior

Ailton Aires Mesquita

Alexandre Baldy de

Sant'anna Braga

Álvaro Otávio Dantas Maia

Antônio Alves de Deus

Carlos Alberto de Paula

Moura Júnior

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Roberto Viana

Célio Eustáquio de Moura

Daniel Viana

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Cunha Zuppani

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Emílio Carlos Bittar

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Flávio Paiva Ferrari

Flávio Santana Rassi

Francisco Gonzaga Pontes

Gilberto Martins da Costa

Henrique Wilhem Morg de

Andrade

Hermínio Ometto Neto

Hélio Naves

Heribaldo Egídio

Jaime Canedo

Jair Rizzi

João Essado

Joaquim Cordeiro de Lima

Joaquim Guilherme Barbosa

de Sousa

José Alves Pereira

José Antônio Vitti

José Batista Júnior

José Divino Arruda

José Luiz Martin Abuli

José Romualdo Maranhão

José Vieira Gomide Júnior

Laerte Simão

Leopoldo Moreira Neto

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Luiz Rézio

Manoel Silvestre Álvares da Silva

Marley Antônio Rocha

Nilton Pinheiro de Melo

Olympio José Abrão

Orizomar Araújo de Siqueira

Paulo Sérgio de Carvalho Castro

Pedro Alves de Oliveira

Pedro de Souza Cunha Júnior

Pedro Paulo Tavares Costa

Pedro Silvério Pereira

Plínio Boechat Lopes

Ricardo Araújo Moura

Roberto Elias de Lima Fernandes

Robson Peixoto Braga

Rodolfo Luis Xavier Vergílio

Sandro Antônio Scodro Mabel

Sávio Cruvinel Câmara

Segundo Braoios Martinez

Sílvio Inácio da Silva

Ubiratan da Silva Lopes

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wellington Soares Carrijo

Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Vice-Presidente

Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente

Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente

Pedro Silvério Pereira

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente

Célio de Oliveira

Vice-Presidente

Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária

Presidente

Eduardo Zuppani

Vice-Presidente

José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente

Sílvio Inácio da Silva

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente

Leopoldo Moreira Neto

Vice-Presidente

Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente

Antônio de Sousa Almeida

Vice-Presidente

Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócio

Presidente

Andre Lavor Pagels Barbosa

Vice-Presidente

Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente

Emílio Bittar

Vice-Presidente

José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente

Leandro Almeida

Vice-Presidente

Agripino Gomes de Souza Júnior

Rede Metrológica Goiás

Presidente

Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração

Presidente

José Antônio Vitti

Vice-Presidente

Luiz Antônio Vessani

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente

Sarkis Nabi Curi

Vice-Presidente

Gilberto Martins da Costa

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: Domingos Sávio
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 3225-9889

SINCAFÉ

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax (62) 3224-8688
sindago@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás
Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
Sindcel.go@gmail.com

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confeção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Flávio Santana Rassi
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindcarn@terra.com.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462 contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Olympio José Abrão
Gestor executivo: Giovanni Souto
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás
Presidente: Sílvio Inácio da Silva
Telefone (62) 3224-0121 / 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Silvério Pereira
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: Alexandre Araújo Moura
Fone (62) 3223-9703
sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Calçado, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
sia@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: Jaime Canedo
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siago@cultura.com.br

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Wellington Soares Carrizo
Rua Costa Gomes, nº 143
Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Alberto de Paula Moura Júnior
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia - GO
Fone (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br

Anápolis

**Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3324-5997
fieg.regionalanapolis@sistemafieg.org.br**

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Pres. – Heribaldo Egidio
Pres. executivo – Marçal Henrique Soares

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER-GO

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

ESPAÇO PARA MÉDIOS E PEQUENOS

Lauro Veiga Filho

Instalado na Embaixada do Brasil na Coreia do Sul desde 2009, Edmundo Sussumu Fujita recebeu a missão empresarial organizada em setembro pela Fieg e acredita que esse tipo de iniciativa ajuda a aproximar empresários dos dois países, gerando oportunidades de negócios. Fujita identifica um “enorme potencial para cooperação entre pequenas e médias empresas” coreanas e brasileiras, o que poderia resultar em “benefícios recíprocos e originais”. Para ele, ainda falta uma dose de ousadia para “romper com a inércia e a acomodação” que colocam o País em desvantagem.



“O sucesso da experiência coreana se deve à imitação e, mesmo, à superação em alguns setores, do modelo japonês, com a aposta nos segmentos de vanguarda da indústria, onde ocorrem os maiores saltos de inovação tecnológica e ganhos de produtividade”

Goiás Industrial – Nos anos 1950, o PIB brasileiro e a renda per capita do País eram, respectivamente, quase quatro vezes maior e 40% mais elevada do que na Coreia do Sul. No começo desta década, o PIB do Brasil ainda era quase duas vezes maior, mas o PIB per capita coreano já era praticamente o dobro do brasileiro. Quais fatores diferenciam e aproximam as experiências de Brasil e Coreia do Sul ao longo do tempo?

Edmundo Sussumu Fujita – Embora com modelos distintos, o Brasil e a Coreia apresentaram trajetórias de desenvolvimento industrial em ritmo semelhante até o final da década de 1970. Os choques nos preços do petróleo, a crise da dívida externa e as dificuldades políticas e sociais decorrentes da transição do regime militar para a democracia criaram grandes dificuldades tanto para o Brasil quanto para a Coreia do Sul. Curiosamente, tanto o Brasil quanto a Coreia viveram, quase ao mesmo tempo, sob regimes autoritários entre as décadas de 1960 e 1980, tendo ambos os países retornado à normalidade democrática no final dos anos 1980. A diferença foi que a Coreia seguiu um receituário bastante ortodoxo para enfrentar a crise, com o apoio e boa vontade dos Estados Unidos por questões estratégicas relacionadas à Guerra Fria, enquanto o

Brasil buscava saídas próprias sob forte pressão internacional.

Goiás Industrial – O sr. foi diretor do Departamento de Ásia e Oceania do Itamaraty e embaixador na Indonésia e acumula, portanto, longa experiência na região. Quais são os rumos atuais da economia asiática, com destaque para a coreana? O que caracteriza, atualmente, a estratégia de crescimento escolhida pelos coreanos?

Fujita – A Ásia é, em realidade, um continente bastante diverso, onde cada país tem uma realidade econômica, social e cultural própria. Mas um grupo de países no sudeste e nordeste asiáticos seguiu estratégia de desenvolvimento econômico baseada no modelo japonês, com diferentes graus de sucesso. Veja-se a estratégia batizada de “revoada dos gansos” onde uma ave na vanguarda (Japão) “guiava” uma nuvem de seguidoras rumo a climas melhores. Daí as qualificações de “tigres”, “dragões”, etc. O objetivo maior era a industrialização acelerada baseada em elevadas taxas de poupança e investimento para o crescimento de suas economias e no constante incremento da competitividade da indústria nacional, notadamente através da competição acirrada no mercado internacional. O sucesso da experiência coreana se deve à imitação e, mesmo, à superação em alguns setores, do modelo japonês, com a aposta nos segmentos de vanguarda da indústria, onde ocorrem os maiores saltos de inovação tecnológica e ganhos de produtividade. Deve-se levar igualmente em consideração a estratégia agressiva da Coreia na busca por grandes mercados para suas exportações (Estados Unidos e Europa antes da crise de 2008 e América Latina, Oriente Médio, Ásia Central e África após 2008). O êxito coreano também demonstra que é possível um país conciliar a adoção de políticas industriais proativas com a observância das regras multilaterais de livre comércio internacional.

Goiás Industrial – Nessa estratégia, qual o espaço destinado ao mercado brasileiro? Quais são as principais oportunidades de negócios entre os dois países e as principais

“A Coreia seguiu um receituário bastante ortodoxo para enfrentar a crise, com o apoio e boa vontade dos Estados Unidos por questões estratégicas relacionadas à Guerra Fria, enquanto o Brasil buscava saídas próprias sob forte pressão internacional”

frentes para expansão das relações comerciais entre Brasil e Coreia do Sul nos próximos anos?

Fujita – O mercado brasileiro, com perfil demográfico ainda jovem e uma classe média em expansão, crescentemente conectada pela informática e consumidora de produtos de alta tecnologia, será cada vez mais importante para os grandes conglomerados empresariais da Coreia, especialmente aqueles envolvidos no desenvolvimento de produtos de tecnologia de ponta. Pessoalmente, acredito existir enorme potencial para cooperação entre pequenas e médias empresas dos dois países que estejam interessadas em desenvolver projetos conjuntos voltados para a inovação. “Startups” financiadas com recursos privados e públicos de ambos os países poderiam resultar em grandes benefícios recíprocos e originais criando sinergias novas em áreas onde cada país é mais competitivo. Não se pode esquecer igualmente que a Coreia, um país de território limitado e pobre em recursos naturais, tem no Brasil importante supridor de produtos agrícolas e minerais. Ao mesmo tempo, a Coreia fornece ao Brasil alguns itens estratégicos para a indústria nacional, como semicondutores e bens de capital, principalmente máquinas pesadas e equipamentos de precisão. São tendências que ainda se manterão por um bom tempo, a menos que o Brasil logre dar um salto qualitativo em seu parque industrial.

Goiás Industrial – Segundo estatísticas do Bank of Korea, o país passou a acumular superávits comerciais crescentes com o Brasil a partir da segunda metade da década passada, atingindo o recorde de quase US\$ 5,5 bilhões em 2011, saldo que recuou para US\$

4,2 bilhões no ano passado – o segundo melhor resultado na série histórica da instituição. O que explica o crescimento desse saldo? Isso poderá abrir espaço, na agenda de negociações entre os dois países, para que o Brasil consiga, mais à frente, ampliar suas vendas para o mercado coreano?

Fujita – Esse crescimento do superávit comercial em favor da Coreia é, em parte, consequência do próprio desempenho positivo da economia brasileira de 2005 a 2011. Essa expansão fez com que o País se deparasse com “gargalos” para o crescimento em certos elos nas cadeias produtivas nacionais. A capacidade instalada passou a não dar conta da demanda em vários segmentos, alguns dos quais justamente onde a Coreia é reconhecidamente forte, como é caso dos semicondutores. Seria natural que as importações nos setores de pontas se elevassem para suprir as deficiências nacionais. Mas ao mesmo tempo, a Coreia também está contribuindo para o aperfeiçoamento da indústria brasileira em setores como automobilístico, eletroeletrônico, maquinaria pesada, estaleiros e siderurgia, investindo na construção de fábricas e de unidades de pesquisa e desenvolvimento no País. Nesse sentido, citaria como exemplo a constituição da empresa HT Micron, com sede em São Leopoldo (RS), fruto de parceria entre uma empresa brasileira (Parit Participações) e outra coreana (Hana Micron), que acaba de inaugurar a maior fábrica de encapsulamento de semicondutores da América Latina.

Goiás Industrial – De que forma as diferenças culturais, de um lado, e o custo Brasil,

sob um ponto de vista mais econômico, representam entraves para o comércio bilateral entre os dois países?

Fujita – Algumas especificidades da realidade brasileira ainda confundem os investidores coreanos. Nosso sistema tributário é muito complicado, difícil de entender. Deficiências na infraestrutura, dificuldades burocráticas e o tempo relativamente longo na obtenção de crédito para as empresas às vezes anulam as vantagens comparativas naturais de que as empresas poderiam desfrutar no Brasil. As diferenças de cultura de trabalho e de sistemas legais dos dois países levam muitas vezes a fricções trabalhistas, o que obriga as empresas coreanas a se prepararem com muito cuidado e a fazerem estudos prévios aprofundados ao ingressarem no mercado brasileiro. Mas, a exemplo de outros países que vêm investindo no Brasil desde épocas anteriores, as empresas coreanas conseguirão se ajustar e adaptar ao entorno sociocultural brasileiro.

Goiás Industrial – Missões como a realizada entre 23 e 26 de setembro por empresários goianos podem contribuir para alavancar o comércio entre o Estado e a Coreia do Sul? De que forma?

Fujita – Sem dúvida, “uma vista d’olhos substitui mil palavras escritas”, como reza certo provérbio oriental. O conhecimento in loco do nível de qualidade da organização industrial coreana ajuda muito a aumentar a confiança brasileira em buscar cooperação com empresas específicas cujo tipo de produto seja melhor adequado às condições brasileiras. Um país de grande diversidade regional e de recursos como o Brasil precisa saber aproveitar as vantagens singulares que cada uma de suas diferentes regiões oferece. Goiás é um Estado próspero, com sua economia preponderantemente baseada num modelo dinâmico e eficiente de agrogócio, que começa a ampliar e diversificar sua base industrial. Missões como a realizada pela Fieg em setembro permitem mostrar aos coreanos as oportunidades existentes diversas daquelas regiões que tradicionalmente concentram os polos industriais no Brasil.

“Goiás é um Estado próspero (...), que começa a ampliar e diversificar sua base industrial. Missões como a realizada pela Fieg em setembro permitem mostrar aos coreanos as oportunidades existentes diversas daquelas regiões que tradicionalmente concentram os polos industriais no Brasil”

Goiás Industrial – Quais têm sido os esforços e iniciativas adotados pelo Brasil para atrair investimentos coreanos?

Fujita – Os maiores grupos coreanos, como Hyundai, Samsung, LG, Doosan e outros, já têm presença razoavelmente alicerçada em termos de investimentos no Brasil. Aos poucos, os fornecedores coreanos desses conglomerados, muitos deles pequenas e médias empresas, seguem seus passos e começam também a se instalar no Brasil. Mas o esforço essencial tem de vir das próprias regiões interessadas, em se fazer presente diretamente e explicar detalhadamente as vantagens oferecidas, de forma a criar a confiança no lado coreano pela formação de um ponto focal humano identificável.

Goiás Industrial – Olhando ainda em direção ao Brasil, quais são os setores e regiões que hoje despertam ou poderiam despertar o interesse de investidores coreanos?

Fujita – Os mercados automotivo e o de bens de consumo eletrônicos são hoje certamente o foco principal da indústria coreana, pelo tamanho do mercado consumidor brasileiro, pelas cifras envolvidas e pelas vantagens comparativas da Coreia nesses setores. Algumas empresas têm se instalado em regiões que tradicionalmente já concentram parques industriais, como é o caso

da Hyundai e da Doosan Infracore, no interior do Estado de São Paulo, ou da Samsung e LG, no polo industrial de Manaus. Outras estão buscando oportunidades em regiões promissoras até agora relativamente inexploradas pelo capital estrangeiro, como o Nordeste, a exemplo da siderúrgica Pohang Steel (POSCO), em Pecém, no Ceará. Aqueles setores onde o Brasil apresenta boa infraestrutura, facilidades de instalação e tratamento equânime às inversões estrangeiras certamente têm grande potencial de atrair investidores focados em novas áreas como energias alternativas, biotecnologia, tecnologias da informação, transportes e distribuição para o mercado interno e externo.

Goiás Industrial – Quais recomendações o sr., com toda sua experiência na região, poderia sugerir a empresários goianos interessados em fazer negócios com a Coreia?

Fujita – É fundamental que os empresários sejam capazes de se comunicar em inglês e disponibilizem as informações sobre seus negócios em linguagem e formato que os investidores ou parceiros possam entender. Devemos adotar também a mesma atitude proativa do setor privado coreano na busca de cooperação e condições favoráveis. Temos de romper com a inércia e a acomodação que nos colocam muitas vezes em desvantagem nos mercados internacionais. As empresas e agências governamentais coreanas têm cada vez mais presença atuante no Brasil, inclusive no setor bancário e financeiro e nós, brasileiros, devemos fazer o mesmo. Também precisamos ter a humildade de entender e aceitar as diferenças culturais e buscar uma combinação harmoniosa.

“Temos de romper com a inércia e a acomodação que nos colocam muitas vezes em desvantagem nos mercados internacionais. As empresas e agências governamentais coreanas têm cada vez mais presença atuante no Brasil, inclusive no setor bancário e financeiro e nós, brasileiros, devemos fazer o mesmo”



MAIS PRÓXIMO DO ORIENTE

Liderada pela Fieg, missão empresarial percorre Coreia do Sul e Japão em busca de oportunidades de negócios e de investimentos

A aproximação de Goiás com o mercado asiático, mais precisamente Coreia do Sul e Japão, incrementada pela missão empresarial realizada àqueles dois países no final de setembro, deverá experimentar nova fase a partir do próximo ano, segundo cronograma pré-estabelecido entre as três partes. As negociações, espera o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, líder da missão asiática, poderão abrir oportunidades de negócios para empresas goianas, mais especialmente para aquelas de pequeno e médio porte, com possibilidades sobretudo nos segmentos de reciclagem e gestão de resíduos sólidos, co-geração de energia, automobilístico e, numa perspectiva mais dis-

tante, tratores agrícolas.

Comandada pela Fieg, a missão empresarial ocorreu no âmbito do Projeto de Desenvolvimento Territorial, desenvolvido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), a própria Fieg e o governo do Estado, com foco especificamente no setor automotivo. A viagem foi um desdobramento de contatos prévios ocorridos em abril deste ano, quando a federação goiana foi anfitriã de um encontro com representantes do Korea Business Center (Kotra), organização governamental coreana sem fins lucrativos que promove o intercâmbio comercial com empresas estrangeiras.

Partes e componentes: linhas flexíveis permitem a montagem simultânea de vários modelos na Coreia do Sul



DESEQUILÍBRIOS HISTÓRICOS

Os números da balança comercial de Goiás sugerem a possibilidade de evolução dos negócios com Coreia do Sul e Japão, considerando-se que o Estado vem registrando déficits seguidos nas transações com aqueles dois mercados. No caso coreano, apenas em 2003 e 2004 houve superávit, mas em valores modestos, com saldo de US\$ 7,604 milhões e de US\$ 3,884 milhões, respectivamente.

Desde lá, os desequilíbrios cresceram, elevando o déficit para US\$ 1,795 bilhão em 2011. A diferença foi menor em 2012, recuando para US\$ 694,080 milhões a partir das medidas adotadas pelo governo brasileiro para conter a importação de veículos, peças e acessórios – itens que concentraram 88% das compras externas realizadas por Goiás na Coreia. As vendas goianas para o mercado coreano sal-

taram 2.278% entre 2003 e 2012, elevando a participação daquele país para 3% na pauta de exportações do Estado, com total de US\$ 222,910 milhões. Perto de 75% desses embarques estiveram concentrados, no acumulado entre janeiro e outubro deste ano, em apenas dois produtos, incluindo milho (61,3%) e minérios de cobre e seus concentrados (13,8%). A despeito do recuo mais recente, as importações cresceram 518,4 vezes no mesmo período, para US\$ 916,990 milhões, dos quais 87,7% estiveram representados por automóveis de passageiros e partes e acessórios para veículos. O mesmo histórico de desequilíbrio e baixa diversificação pode ser observado na relação entre Goiás e Japão. Quatro grupos de produtos responderam, nos primeiros dez meses deste ano, por praticamente 97% de tudo o que o Estado despachou para o mercado japonês, com o milho na liderança (44%), seguido pelas carnes (25,1%), soja e derivados (16,6%) e ferroligas (11%). No prato das importações, automóveis, suas partes e acessórios tiveram participação de 71,7% (saindo de 83,5% em todos os 12 meses do ano passado). O déficit entre Goiás e Japão subiu de US\$ 86,634 milhões em 2003 para US\$ 508,546 milhões no ano passado, atingindo US\$ 318,674 milhões nos dez meses iniciais de 2013.

MEIO AMBIENTE E TRATORES

Embora resultados mais concretos sejam aguardados apenas para médio ou longo prazo, a missão trouxe na bagagem dois protocolos de intenção e uma série de contatos que poderão abrir as portas para negócios no futuro. Na Coreia, a Fieg firmou protocolos com o Korea Environmental Industry & Technology Institute (Keiti), instituto ligado ao governo que se ocupa da pesquisa e do desenvolvimento de tecnologias verdes, e com a Korea Agricultural Machinery Industry Cooperative (Kamico),

Balanço desfavorável>>

(Estado acumula déficits em sua relação comercial com japoneses e coreanos, valores em US\$ milhões)

Goiás e Japão, déficit perde fôlego

Período	Exportações	Importações	Saldo
2003	53,746	140,380	-86,634
2004	38,604	178,120	-139,515
2005	30,131	195,508	-165,378
2006	33,594	191,808	-158,214
2007	82,266	292,359	-210,093
2008	166,401	456,175	-289,774
2009	82,335	389,885	-307,550
2010	97,906	576,822	-478,916
2011	121,026	831,425	-710,399
2012	244,501	753,048	-508,546
2013 (jan-out)	220,140	538,814	-318,674

Fonte: Mdic/Secex

Goiás e Coreia do Sul, saldo sai do azul para o vermelho

Período	Exportações	Importações	Saldo
2003	9,373	1,769	7,604
2004	9,912	6,028	3,884
2005	17,382	17,634	-0,252
2006	8,729	66,658	-57,929
2007	12,666	272,884	-260,218
2008	43,630	640,842	-597,212
2009	80,640	844,511	-763,871
2010	58,537	1.568,20	-1.509,67
2011	64,854	1.860,30	-1.795,44
2012	222,910	916,990	-694,080
2013 (jan-out)	174,230	591,708	-417,478

Fonte: Mdic/Secex



Polo de máquinas e tecnologia na Coreia: possibilidade de cooperação técnica e transferência de tecnologia

cooperativa dedicada à produção de máquinas agrícolas para a agricultura familiar e de equipamentos sob medida.

Os documentos estabelecem um cronograma conjunto de trabalho entre as entidades, prevenindo a identificação de possibilidades de cooperação técnica e transferência de tecnologia. No próximo ano, representantes do Keiti deverão participar em Goiás de um seminário sobre re-

ciclagem, com o apoio da Fieg, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), do BID, da CNI e do governo goiano, tendo como pano de fundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Além do evento, ficou acertada em princípio a realização de nova missão empresarial goiana à Coreia, possivelmente no segundo semestre de 2014, quando o país sedia uma feira internacional de máquinas agrícolas.



Olympio Abrão: "Engajamento grande da população no processo de coleta seletiva"



Ailton Mesquita: interesse em atrair novos fornecedores para as plantas da Hyundai e Mitsubishi em Goiás

TECNOLOGIA APLICADA AO LIXO URBANO E INDUSTRIAL

Numa fase ainda embrionária, as primeiras tratativas envolvem empresas dos setores de reciclagem, compostagem e geração de energia a partir do manejo de resíduos sólidos, com perspectivas ainda para entendimentos no setor automobilístico e de fabricantes de autopeças. "Há o interesse de que novos fornecedores da Hyundai e também da Mitsubishi venham investir em Anápolis e Catalão", afirma o presidente do Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa), Ailton Aires Mesquita, perspectiva ressaltada igualmente pelo presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás (Simplago), Olympio José Abrão.

Na área de gestão de resíduos sólidos, Abrão e Mesquita destacam ainda as políticas públicas e as iniciativas daqueles países no desenvolvimento e na utilização de tecnologias avançadas para lidar com o lixo urbano e industrial. Na Coreia, especificamente, observa Abrão, uma combinação de incentivos e multas contribuiu para estimular "um engajamento grande da população no processo de coleta seletiva", o que permitiu às usinas de reciclagem dispensar a etapa de separação dos resíduos. O lixo orgânico segue diretamente para compostagem e queima, de acordo com Abrão, passando a gerar energia elétrica para residências e empresas.

RECICLAGEM E CO-GERAÇÃO

O sistema combina a participação da iniciativa privada e do setor público nas fases de reciclagem, queima e co-geração de energia, envolvendo ainda aterros sanitários. “Há uma política de remanejamento constante nos aterros, com retirada de materiais que se prestam à reciclagem e produção de metano, que é processado por empresas privadas na geração de energia mais uma vez”, continua Abrão. O processo de remanejamento prolonga a vida útil dos aterros, postergando sua saturação. “Visitamos, em Seul, na Coreia, o Dream Forest Park, um antigo aterro sanitário que foi transformado em um belíssimo parque, com complexo esportivo, restaurante e piscina pública aquecida com a energia gerada por um aterro”, complementa Mesquita.

A “ENERGIA INTELIGENTE”

“Foi um banho de cultura, tanto em relação às soluções aplicadas ao trânsito e às políticas para o setor industrial coreano e japonês, quanto à preocupação ambiental”, declara o presidente do Sindirepa, Ailton Aires Mesquita. A questão ambiental nos dois países chamou a atenção igualmente do presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, principalmente no que diz respeito aos formatos desenhados para a co-geração e racionalização do consumo de energia, tornando seu consumo mais eficiente, num processo classificado por ele como “energia inteligente”. “Desde as multinacionais até as médias e pequenas empresas, os investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) são elevados. O nível tecnológico da indústria em geral é bastante alto, com incorporação de tecnologias de ponta em toda a cadeia produtiva, mas destacadamente no processamento de resíduos”, acrescenta Pedro Alves. Apenas uma das unidades da Hyundai na Coreia, diz ainda, emprega mais de 10 mil profissionais na área de P&D. “A planta da japonesa Mitsubishi em Nagoya”, completa Mesquita, “tem capacidade para montar três marcas diferentes de veículos num mesma linha de produção”.

Durante a missão, o empresário Olympio José Abrão, da Grafigel Embalagens Ltda., iniciou contatos com uma empresa coreana fabricante de mantas plásticas com aplicação na



Planta de energia solar no Japão: país investe na exploração de “energias inteligentes”

INVESTIMENTO EM NOVOS MERCADOS

No Japão, segunda etapa da missão empresarial goiana, os empresários perceberam, segundo descreve Pedro Alves, certo esgotamento na capacidade de o país receber novos investimentos. “Nesse sentido, a economia japonesa está estagnada, sua população decrescente e a única saída para as empresas nipônicas continuar crescendo é investir em novos mercados”, diz ele.

indústria da construção civil para revestimento térmico e acústico. Em fase de estudos de viabilidade econômica e de mercado, o projeto envolve investimento na instalação de uma indústria em Goiás, com a mesma tecnologia adotada pelo fabricante na Coreia e ainda não disponível no Brasil.



Railucy Pereira de Araújo, aluna do técnico em vestuário: aprimorar conhecimentos para seguir na carreira

TURBINANDO A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Principal parceiro do governo federal no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), Senai amplia oferta de cursos gratuitos

Andelaide Lima

Diante de demanda cada vez mais forte das indústrias por mão de obra qualificada, o Senai Goiás turbinando a oferta de vagas em seus diversos cursos e intensifica parcerias para ajudar o segmento produtivo a enfrentar um dos principais gargalos ao desenvolvimento econômico. O problema é apontado por 65% das empresas dos segmentos extrativo e de transformação, segundo a pesquisa Sondagem Especial – Fal-

ta de Trabalhador Qualificado na Indústria, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), divulgada recentemente. Em 2013, até setembro, o número de matrículas nas várias modalidades do Senai totalizava 146.876, superior ao de todo o ano passado (142.847).

Um reforço importante é a realização de ações de formação profissional gratuitamente por meio do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), do governo federal. Até dezembro, a instituição já ha-

via registrado 21.746 matrículas no âmbito do programa, superando a meta prevista, de 20 mil concluintes. Para 2014, a estimativa é de efetivar 32.442 mil matrículas nas atividades desenvolvidas.

A programação é destinada a estudantes da rede pública, que estejam cursando o 2º ou 3º ano do ensino médio, beneficiários do programa Bolsa Família, trabalhadores de diferentes perfis ou pessoas em situação de vulnerabilidade social. Além da matrícula e das mensalidades, os participantes têm direito a transporte, alimentação e material didático.

DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

Os cursos mais procurados são os de costureiro industrial, operador de computador, auxiliar administrativo, eletricista instalador predial, eletricista industrial, pedreiro de alvenaria, auxiliar administrativo, além das habilitações técnicas em segurança do trabalho, logística, química, mecânica, eletrotécnica, edificações, mineração, redes de computadores, mecatrônica e alimentos. As atividades são ministradas em 104 municípios goianos por meio das unidades do Senai e ações móveis.

Gerente de Educação Profissional do Senai Goiás, Ítalo de Lima Machado ressalta que o Pronatec irá impulsionar o desenvolvimento socioeconômico do País ao contribuir para a redução de gargalos existentes nas cadeias produtivas, referentes à disponibilidade de trabalhadores qualificados, principalmente naquelas demandas relacionadas com a indústria nacional.

“Por meio do Pronatec, estamos formando os trabalhadores qualificados que a indústria de cada região do Estado necessita, de forma ágil e flexível, utilizando as parcerias público-privadas para impulsionar essa formação. A qualificação de trabalhadores para a indústria permite o crescimento da produção e, por consequência, impulsiona os investimentos na melhoria e ampliação dos parques industriais”, afirmou.

UM MODELO DE PARCERIA

Exemplo bem-sucedido de parceria público-privada, o Pronatec foi implantado em 2011 com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica. A iniciativa conta com o Senai como um dos principais parceiros nas atividades de qualificação realizadas no País. Em Goiás, a instituição é responsável por 54% das 35.696 matrículas efetivadas pelo Sistema S. Nesses três anos de implantação do programa, o Senai Goiás já matriculou 30.713 alunos em vários cursos de formação inicial e continuada, e técnica de nível médio.

ACESSO À FORMAÇÃO

Morador de Brazabrantes, na Região Metropolitana de Goiânia, Cleiton Lopes, de 26 anos, viaja todos os dias cerca de 40 quilômetros para assistir às aulas do curso de soldador ministrado pela Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, na capital. Auxiliar de manutenção em uma indústria de produtos de limpeza, ele será promovido logo após a conclusão da qualificação. “A empresa me liberou durante um turno para fazer o curso. Não poderia perder essa oportunidade”, disse.

Igualmente aluno do curso de solda, Adriano Martins da Silva, de 26 anos, atua como autônomo na área de informática. “Por ser um segmento com grande oferta de emprego, pretendo fazer outras atividades de formação profissional na área de metalmeccânica. O conhecimento adquirido no Senai faz toda diferença no mercado de trabalho pela qualidade do ensino oferecido pela instituição e pelo alto padrão dos seus laboratórios”, destacou.

Cleiton Lopes viaja 40 quilômetros todos os dias para fazer o curso: promessa de promoção após a qualificação



NOVOS TÉCNICOS PARA SETOR DA CONSTRUÇÃO

No âmbito do Pronatec, a Escola Senai Vila Canaã acaba de entregar certificados de conclusão aos 24 alunos do curso técnico em edificações. Durante a solenidade de formatura, realizada no dia 1º de novembro, a oradora da turma,



Letícia de Oliveira, concluinte do curso técnico em edificações: capacitação gratuita e de qualidade

PRIMEIRO EMPREGO

Com ações voltadas também para jovens que buscam o primeiro emprego, a programação desenvolvida via Pronatec abrange setores industriais com alta procura por profissionais qualificados. É o caso do segmento de confecção, que sempre teve destaque em número de vagas de trabalho em Goiás.

De olho nesse mercado promissor, Railucy Pereira de Araújo, de 19 anos, concluiu a aprendizagem em costura industrial em 2011. Este ano, ela retornou à sala de aula da Fatec Senai Ítalo Bologna para fazer a habilitação técnica em vestuário, primeiro curso que faz pelo Pronatec. “Resolvi prosseguir os estudos nesse segmento porque quero aprimorar meus conhecimentos e seguir na carreira com a qual sempre me identifiquei.”

Em busca da independência financeira, Meiriane Almeida, de 17 anos, faz o curso técnico em mecatrônica na Fatec Senai Ítalo Bologna. “Pretendo trabalhar logo na área para poder custear minhas despesas e ajudar em casa também. Estou feliz pela oportunidade de ter acesso a um ensino de qualidade sem precisar pagar por ele.”

Letícia de Oliveira Silva, de 18 anos, destacou a importância da formação profissional para conquistar uma vaga no mercado de trabalho. “O Estado cresce e precisa cada vez mais de técnicos qualificados. Temos de aproveitar essa oportunidade dada por meio do Pronatec e buscar a capacitação gratuita e de qualidade”, disse Letícia, que iniciou, em setembro, estágio em um escritório de engenharia. “A habilitação técnica é uma porta aberta para o emprego.”

Colega de turma, Marco Aurélio Bastos, de 19 anos, também comemora a vaga de estágio conquistada antes da conclusão do curso. “Estou feliz por já estar no mercado de trabalho, pela oportunidade de mostrar o que aprendi durante as aulas e por ter feito um curso no Senai – referência em educação profissional para as indústrias.”

Aluna do curso de engenharia mecânica da Universidade Paulista (Unip), Gabriela Cavalcante, de 17 anos, disse que o aprendizado adquirido na habilitação técnica em edificações a ajudou nas aulas da faculdade. “Sempre me interessei pela área de construção. Passei no vestibular para engenharia mecânica e no curso tenho mais facilidade porque aprendi boa parte do conteúdo na habilitação técnica.”



Marco Aurélio Bastos: “Senai é referência em educação profissional para as indústrias”

ALÉM DA OBRIGATORIEDADE

Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho gera benefícios para trabalhadores e também para as empresas envolvidas no processo

Edilaine Pazini

Evento de caráter obrigatório nas empresas brasileiras pela legislação trabalhista, a Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (Sipat) traz diversos benefícios para o trabalhador e também para a empresa. Com portfólio recheado de serviços na área de segurança e saúde do trabalho, o Serviço Social da Indústria (Sesi) oferece amplo suporte às empresas para a realização da semana. O leque de atrativos inclui palestras educativas e preventivas, teatro, atividades recreativas e aulas motivacionais, muitos deles gratuitos.

Foco principal da Sipat, a redução dos acidentes de trabalho dentro da empresa é reconhecida pela coordenadora de Recursos Humanos do Grupo Cicopal – fabricante do salgadinho Micos, em Senador Canedo, na Região Metropolitana de Goiânia. De acordo com Julliana Teixeira, a diminuição em 2013 chegou a 84,6%, em relação ao ano passado. “Tivemos 13 acidentes em 2012 e neste ano apenas dois”, afirma. Ela atribui o resultado às ações preven-



Antônio da Silva e Silva, da Cicopal: “As palestras e os teatros nos fazem despertar para cuidados que não temos na nossa rotina”

tivas e educativas realizadas pela empresa, em parceria com o Sesi. “O objetivo é zerar esse índice”, ressalta.

MAIOR INTERAÇÃO NO TRABALHO

Um dos 577 trabalhadores da Cicopal que tiveram acesso à última Sipat, realizada de 21 a 25 de outubro, Antônio da Silva e Silva, de 21 anos, percebe reflexo na qualidade de vida, com mudança de comportamento resultante. “As palestras e os teatros nos fazem despertar para cuidados que não temos na nossa rotina, como ir ao médico regularmente, utilizar os equipamentos de segurança e ter mais cuidado no trajeto de casa para o trabalho e vice-versa”, afirma. Operador de máquina há um ano e oito meses na empresa, ele observa maior interação com os colegas de trabalho.

BIBLIOTECA DENTRO DA EMPRESA

Além da Sipat, o Grupo Cicopal conta com a parceria do Sesi no Programa Ginástica na Empresa, nos Jogos Internos, no Espaço Zen e na Colônia de Férias. Recentemente a empresa aprovou o Projeto Indústria do Conhecimento, pelo qual o Sesi leva uma biblioteca para dentro da empresa, que deverá ser instalada já em 2014. Segundo a coordenadora Julliana, toda a comunidade de Senador Canedo também poderá usufruir do espaço. Para ela, todos esses benefícios colaboram não só para a diminuição de acidentes, como também para a maior assiduidade e permanência do trabalhador na Cicopal, já que conseguir mão de obra qualificada no município ainda é um gargalo.

A preocupação da empresa com a qualidade de vida do colaborador motiva a auxiliar de produção Patrícia Macena da Silva, de 34 anos, a trabalhar para o Grupo Cicopal. Há um ano e cinco meses na indústria, ela acredita que esses serviços oferecidos têm retorno para a companhia na forma de produtividade. “Nós aprendemos a prevenir doenças e passamos a produzir com maior motivação”, diz.

*Patrícia Macena da Silva, auxiliar de produção:
“Aprendemos a prevenir doenças e passamos a produzir com maior motivação”*



Marisa Ferraz Ferreira, da PepsiCo: “Sempre utilizei os equipamentos de segurança adequadamente”

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

“Nunca precisaram chamar minha atenção, pois sempre utilizei os equipamentos de segurança adequadamente”. A afirmação, da operadora de máquina Marisa Ferraz Ferreira, de 42 anos, colaboradora há 13 anos da PepsiCo – atual fabricante da bolacha Mabel, evidencia comportamento adquirido após participar de diversas semanas de prevenção promovidas pela empresa. Além de se vigiar, chama também a atenção dos colegas de trabalho, quando percebe que estão sem o protetor auricular.

Mas a preocupação da PepsiCo com a segurança do trabalhador da indústria vai além da Sipat, que é exigida por lei. Azuília de Oliveira Mascena, uma dos quatro técnicos de segurança do trabalho na planta da empresa em Aparecida de Goiânia, conta que além desse evento, a indústria possui um departamento chamado de Mass – Meio Ambiente Saúde e Segurança –, onde são desenvolvidos diversos programas de prevenção.

Para o Mass, foi criado até mesmo um mascote em formato de sirene, para uso interno da empresa, que é colocado nas áreas de risco à segurança no trabalho, alertando as pessoas. A PepsiCo também já promove mensalmente palestras e teatros educativos como uma forma de continuação da Sipat, conscientizando o trabalhador sobre os riscos de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais.

EVENTO MAIS ATRATIVO

Para incentivar os colaboradores a participar do evento, a empresa Química Amparo – fabricante dos produtos Ypê, em Anápolis –, contratou o Espaço Zen, com massagens quick, e jogos de lazer, como pebolim, dama, truco, dominó, jogos de dardo, boca de palhaço e xadrez. A programação é desenvolvida ao lado de palestras sobre alcoolismo, tabagismo, doenças sexualmente transmissíveis, direção defensiva, motivação, relacionamento interpessoal e teatro sobre a prevenção de acidentes no trabalho. Os benefícios desses atrativos foram constatados pelo técnico de segurança da empresa, Arlam Claudio Pereira, logo no segundo ano de realização da Sipat. “Além de aumentarmos a participação dos colaboradores, de 74% para 87%, em comparação com o ano passado, os acidentes de trabalho reduziram de 12, em 2012, para apenas um, neste ano”. O espaço acaba proporcionando um momento de confraternização e socialização. “Isso colabora não só para a prevenção de acidentes e doenças ocupacionais, como também para o aumento da motivação do trabalhador, que produz mais”, afirma.

CARDÁPIO DIVERSIFICADO

O Sesi oferece diversos serviços para tornar a Sipat um evento mais atrativo e prazeroso para o trabalhador. Em sintonia com o perfil de cada indústria, o Sesi elabora propostas criativas e inovadoras para sensibilizar e informar os colaboradores sobre questões relacionadas à saúde e segurança no trabalho.

Do leque de serviços oferecidos, fazem parte palestras e teatros, oficinas de biscuit, colar de botão, sabonete decorado e tiaras; jogos, aulões motivacionais, avaliação corporal, recreação, massagem quick, biblioteca móvel, cursos de finanças pessoais e planejamento do futuro familiar.



Teatro no chão de fábrica: Finart torna as semanas de prevenção mais atrativas para os empregados

CONSCIENTIZAÇÃO, O MELHOR CAMINHO

Embora seja uma obrigação das indústrias, a Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho está se tornando um evento cada vez mais atrativo e prazeroso, não só para os participantes, como também para os organizadores. Depois de assistir a apresentação de teatro do Sesi sobre a utilização dos equipamentos de segurança dentro da empresa em que trabalha, a Finart – indústria de móveis planejados, em Aparecida de Goiânia –, o marceneiro Pedro Souza e Silva, de 49 anos, se sentiu mais incentivado não só em utilizar os equipamentos adequadamente, mas também em participar de mais eventos semelhantes. “Foi mais prazeroso para nós, divertido e não monótono como aquelas palestras em que o palestrante só fala”, ressalta.

Colaborador da mesma empresa, Izaias Teixeira Lopes, de 47 anos, afirma que todos os trabalhadores deveriam ter a preocupação de utilizar os equipamentos, pois acredita que o benefício maior é para eles mesmos. “A empresa tinha que só entregar e todos usarem, independentemente se é obrigatório ou não”, ressalta Teixeira, que é pintor na Finart há quase quatro anos.

Mas, infelizmente, não são todos os trabalhadores da indústria que pensam assim. Por isso, para preservar a saúde do funcionário e, conseqüentemente, não prejudicar a produção da empresa, a sócia-proprietária da Finart, Priscila Kelly Rasmussem, garante que o melhor caminho é a conscientização. “Preferimos trazer um teatro, que conscientiza de forma mais descontraída, do que adverti-los tornando isso uma coisa mais imposta”, afirma Kelly.

Serviço>>

As indústrias interessadas em organizar sua Sipat em parceria com o Sesi podem procurar a Gerência de Relações com o Mercado, pelo telefone: (62) 3219-1741.

A TERCEIRIZAÇÃO AINDA EM DEBATE

Para Sindcel, projeto de lei tende a solucionar problema que tem travado contratações e investimentos em Goiás e no restante do País

As discussões em torno do Projeto de Lei 4.330/2004, de autoria do deputado federal Sandro Mabel (PMDB-GO), mobilizam as empresas prestadoras de serviços de engenharia, incluindo especialmente aquelas ligadas ao Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás (Sindcel). O projeto, que aguarda encaminhamento na Coordenação de Comissões Permanentes (CCP) e está pronto para ser incluído na pauta de votação do Plenário da Câmara, regulamenta a terceirização e as relações de trabalho daí decorrentes, incluindo mesmo as atividades-fim das empresas, desde que vinculadas a serviços específicos e determinados. Hoje, a terceirização só é aceita quando envolve exclusivamente atividades-meio, nas con-

dições determinadas pela Súmula 331 do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Em outra manifestação, expressa na Orientação Jurisprudencial 383 da Seção de Dissídios Individuais I (SDI-I), o tribunal tratou ainda da isonomia salarial entre funcionários terceirizados e contratados.

“Estamos atravessando uma fase de grande insegurança jurídica. Não há lei específica para regular a terceirização e o Judiciário tem usurpado o direito do Legislativo de legislar, julgando com base em uma orientação jurisprudencial e não sob a égide de uma lei específica”, afirma o presidente do Sindcel, Célio Eustáquio de Moura. Essa insegurança, prossegue Moura, tem afetado decisões de investimento em Goiás “e inclusive no País”.

NA CÂMARA, MAIS UM OBSTÁCULO

“O seminário internacional realizado em agosto pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) sobre trabalho e competitividade no Brasil e no mundo, em parceria com a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e TST, como parte das celebrações pelos 70 anos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), mostrou que a flexibilização das relações trabalhistas é uma tendência mundial”, acentua o presidente do Sindcel. Conforme Célio Eustáquio de Moura, as negociações para a votação do projeto do deputado Sandro Mabel estão encaminhadas, envolvendo o setor produtivo, a CUT e o governo federal, mas restam obstáculos à sua aprovação.



Polêmica: divergência entre empresas e centrais sindicais emperram tramitação no Congresso de projeto que regula a terceirização

O artigo 15 do projeto de lei define que o recolhimento da contribuição sindical, nos termos estabelecidos pela CLT, “deve ser feito ao sindicato representante da categoria profissional correspondente à atividade exercida pelo trabalhador na empresa contratante”, ponto que tem o apoio da CNI e de entidades empresariais, segundo ele. “Mas a CUT entende que os trabalhadores deveriam ser sindicalizados a entidade ligada ao setor do tomador do serviço”, acrescenta Moura. Este é um dos pontos que tem emperrado o encaminhamento do projeto para votação.

AVANÇO OU RETROCESSO?

Na visão do TST e da Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra), o projeto da terceirização, além de afrontar o princípio da unicidade sindical, traria maior precarização do trabalho, com perda de direitos e redução de salários para os trabalhadores terceirizados. O presidente do Sindcel argumenta que o projeto, ao contrário, assegura melhor cobertura para os terceirizados, em relação à situação observada atualmente, garantindo condições de segurança e saúde aos trabalhadores e o cumprimento de obrigações trabalhistas e previdenciárias. O projeto estabelece ainda, em seu artigo 10, que a empresa contratante terá responsabilidade subsidiária relativa frente a obrigações trabalhistas durante o período em que ocorrer a prestação de serviço, “ficando-lhe ressaltada ação regressiva contra a devedora”.

“Pior do que uma lei não tão boa é a ausência total da lei”, reforça ainda Moura. A expectativa, afirma ainda, é de que o projeto seja aprovado, “o que vai permitir maior produtividade às empresas, além de destravar investimentos, contribuir para maior geração de empregos e ampliação da arrecadação do setor público”.

O GARGALO DA CELG

Além da terceirização, outro problema aflige as 40 empresas associadas ao Sindcel e seus quase 6 mil empregados. O histórico de dificuldades da Celg e os baixos investimentos realizados pela operadora têm gerado redução no volume de obras, “afetando o setor sobremaneira”, num ano que tem sido apenas regular para as empresas que prestam serviços à concessionária estadual, comenta Célio Eustáquio de Moura. “As negociações entre o governo de Goiás e a Eletrobras em torno da transferência do controle acionário sobre a Celg Distribuição precisam ser concluídas com urgência”, reivindica.

A falta de investimentos em distribuição de energia tem penalizado toda a atividade econômica, como lembra Moura. “A energia é um insumo essencial e é o primeiro item a ser observado pelo empresário no momento de decidir onde instalar sua empresa ou ampliar seu negócio. A Celg já foi uma empresa alavancadora do desenvolvimento e hoje se transformou num empecilho ao crescimento da economia estadual”. As negociações entre os dois lados encontram-se emperradas até o momento em função de divergências em relação à avaliação do valor patrimonial da distribuidora e precisam chegar a um consenso sobre pena de criar maiores dificuldades, gerando indefinição em relação ao futuro da distribuidora. De acordo com Moura, que coloca o Sindcel à disposição para contribuir para uma solução, a expectativa é a de que as negociações sejam conduzidas de forma célere, o que contribuiria para que a Celg venha a retomar o papel de grande empresa impulsionadora do desenvolvimento do Estado.



Célio Eustáquio de Moura: urgência nas discussões entre o governo estadual e a Eletrobras na transferência de controle da Celg D

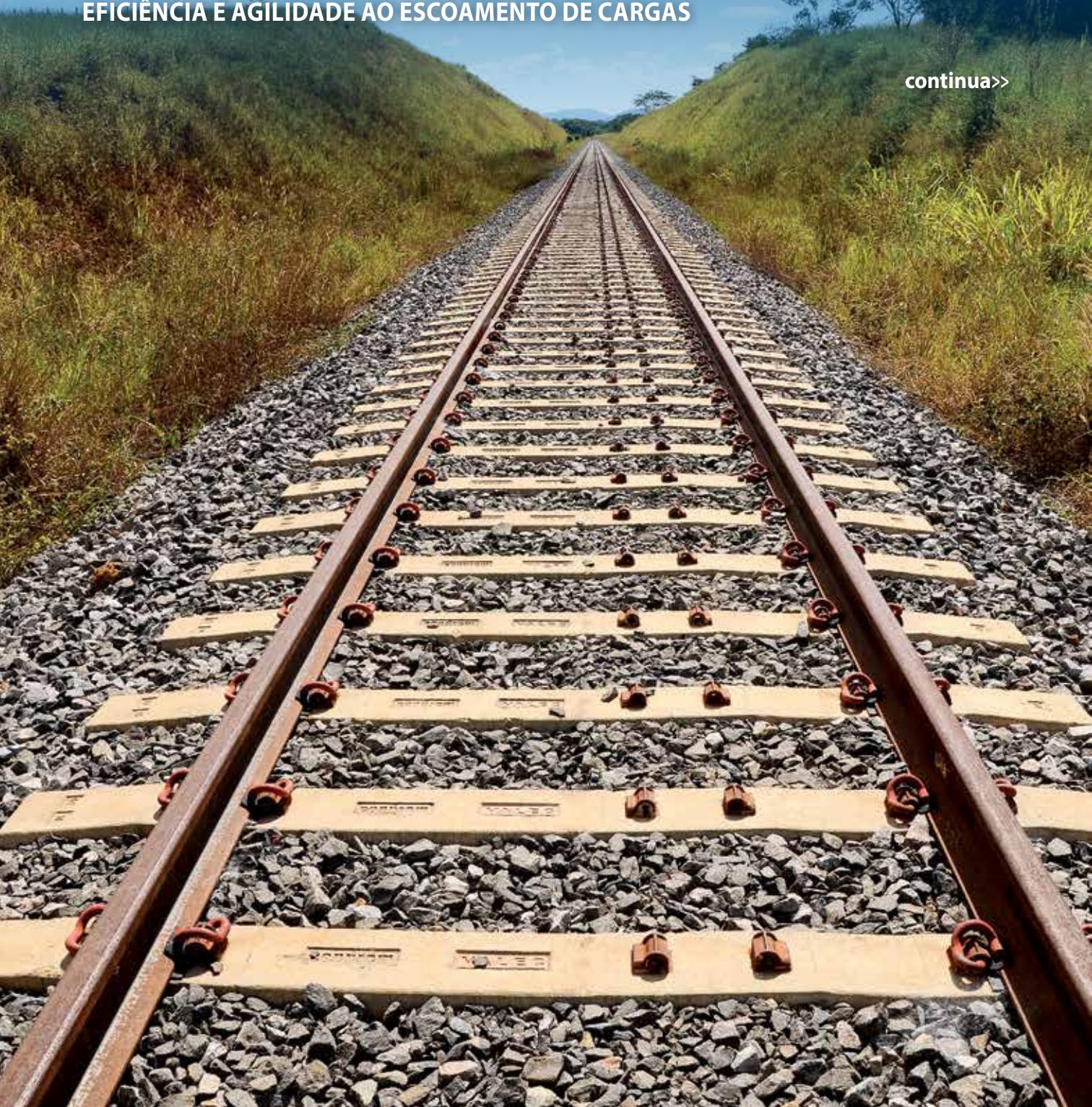
“A energia é um insumo essencial e é o primeiro item a ser observado pelo empresário no momento de decidir onde instalar sua empresa ou ampliar seu negócio. A Celg já foi uma empresa alavancadora do desenvolvimento e hoje se transformou num empecilho ao crescimento da economia estadual”.

capa>>

O CAMINHO MAIS CURTO

O PROJETO CENTRO-OESTE COMPETITIVO APONTA OS CAMINHOS PARA DESATAR O NÓ DO SISTEMA LOGÍSTICO DA REGIÃO, AGREGANDO EFICIÊNCIA E AGILIDADE AO ESCOAMENTO DE CARGAS

continua>>



Lauro Veiga Filho

A correção das deficiências já históricas do País na área de logística de transportes, armazenagem e distribuição faz parte de qualquer “receita de bolo” desenhada por dez entre cada dez economistas e consultores para destravar o crescimento da economia, o que não significa dizer que o setor não mereça atenção prioritária. O caminho para deslindar esse nó, no entanto, talvez exija a mobilização de um volume de recursos menor do que o alardeado, desde que governos e iniciativa privada se ocupem de escolher soluções com maior impacto sobre os custos logísticos no médio prazo, desenhando projetos mais bem acabados e integrados de forma sistêmica.

Num resumo, esta é a proposta que vem sendo construída pela Confederação Nacional da

Indústria (CNI) e por federações estaduais, em parceria com a Macrologística, na série Estudos Regionais de Competitividade. O mais recente trabalho, lançado no final de outubro, contempla um diagnóstico detalhado da infraestrutura de transportes no Centro-Oeste e propostas para superar os gargalos logísticos na região, agregando eficiência ao sistema e maior competitividade às economias locais, com redução nos custos para escoar a produção. O estudo, sob patrocínio da CNI, mobilizou federações que representam o setor industrial na região, incluindo a Fieg; a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e demais federações regionais do setor, com apoio da Associação dos Produtores de Soja do Mato Grosso (Aprosoja) e da Associação Matogrossense dos Produtores de Algodão (Ampa).

ESFORÇO CONJUNTO

Depois de mais de 150 entrevistas realizadas pessoalmente, ouvindo entidades do setor produtivo, empresas, autarquias e governos, viagens a seis países (Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai) e a produção de um volume superior a 2 mil folhas de relatórios, a equipe Macrologística concluiu o Projeto Centro-Oeste Competitivo – um conjunto integrado e sistêmico de projetos logísticos com os quais se pretende tornar mais barato e eficiente o transporte de cargas na região. O trabalho, a um custo de R\$ 1,8 milhão bancado pela CNI, CNA, por federações e associações regionais da indústria do setor agrícola, selecionou 15 cadeias produtivas mais relevantes para a economia regional, envolvendo 52 produtos diferentes, e chegou à definição de dez eixos de integração prioritários.

Eixos logísticos prioritários>>

BR-364 + Hidrovia do Madeira

Hidrovia Juruena-Tapajós via Santarém e Vila do Conde

BR-163 via Miritituba, Santarém e Vila do Conde

BR-242 + Ferrovia Norte-Sul – Lucas do Rio Verde-Alvorada-Vila do Conde

Ferrovia Norte-Sul via Vila do Conde

Ferrovia Norte-Sul via Estrela D'Oeste e Santos

Ferronorte – Lucas do Rio Verde-Santos

Ferrovia ALL Malha Oeste – Corumbá-Santos

Ferrovia Maracajú-Guaíra-Paranaguá

Hidrovia do Paraguai desde Santo Antônio das Lendas

INVESTIMENTOS DE R\$ 36,4 BILHÕES

Numa primeira varredura, foram identificados 308 projetos com potencial para redesenhar o sistema logístico nos Estados do Centro-Oeste e trazer economia projetada em quase R\$ 11,1 bilhões. Isso significaria reduzir em 18,2% os custos logísticos na região em relação aos R\$ 60,9 bilhões esperados para 2020, com inves-



Vias alternativas: escoamento da produção pelos rios ajudaria a baratear fretes e reduzir emissões

timentos de R\$ 159,02 bilhões. Mas não haveria tempo e nem os recursos necessários para colocar todos esses projetos de pé com a urgência necessária.

Por isso, afirma Olivier Roger Sylvain Girard, diretor da Macrologística, foi preciso definir prioridades, levando-se em conta quatro objetivos centrais. Esses projetos deveriam prover a integração física e econômica dos Estados da região com os demais Estados brasileiros e com países que fazem fronteira com o Brasil, apresentar os menores custos no transporte de cargas, interna e externamente, tornando os sistemas de infraestrutura de transportes mais competitivos. E mais: abrir caminho para transformar esses sistemas em eixos de desenvolvimento integrados nacionalmente e ainda “liderar o processo de reconstrução e melhoria

da infraestrutura no País, com a participação da iniciativa privada”.

Assim, foram escolhidos 106 projetos, pouco mais de um terço do total, que poderão ser realizados a um investimento de R\$ 36,4 bilhões – apenas 22,9% do valor previsto para o total dos 308 projetos –, mas com capacidade para gerar 64,9% da redução de custos esperada se fossem implantados todos aqueles projetos, numa economia de R\$ 7,2 bilhões. Isso significa que todo o investimento se pagaria em pouco mais de cinco anos. O investimento que ainda resta a ser feito na Ferrovia Norte-Sul, num exemplo, teria retorno em prazo pouco maior do que três anos. Conforme Girard, todos os 308 projetos são relevantes para o Centro-Oeste, mas as 106 obras selecionadas deveriam receber prioridade máxima e ser realizadas a curto e médio prazo.

Resumo financeiro dos eixos de integração»»

(Valores em R\$ milhões)

Estágio	Número de projetos	Participação no total	Investimento residual ¹	Participação no total
Em andamento	19	17,9%	5.995,0	16,4%
Projetados	28	26,4%	4.939,6	13,3%
Planejados	42	39,6%	23.686,6	65,1%
Idealizados	17	16,0%	1.918,7	5,3%
Total	106	100%	36.399,9	100%

Olivier Girard: integração física e econômica, combinada com custos mais baixos de logística



O SALTO NOS CUSTOS

O trabalho desenvolvido pela Macrologística estima salto de quase 93% nos custos logísticos do Centro-Oeste até 2020, saindo de R\$ 31,6 bilhões em 2011, quando corresponderam a praticamente 8% do PIB regional – calculado em R\$ 396,41 bilhões pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para aquele ano –, e atingindo R\$ 60,9 bilhões. Um acréscimo de R\$ 29,3 bilhões, motivado

não só pelo aumento do fluxo de cargas na região, mas principalmente pelo esgotamento das vias atualmente disponíveis para escoar a produção, com consequente encarecimento do preço do frete e nos custos de distribuição e armazenagem. A implantação dos 106 projetos mais urgentes poderia conter o avanço projetado, agregando competitividade ao setor produtivo na região.

CAPACIDADE ESTOURADA

Responsável por 42% da produção brasileira de grãos neste ano, num total estimado em 78,4 milhões de toneladas, o volume produzido pelo Centro-Oeste foi ampliado em pouco mais de 19 milhões de toneladas em meia década. A evolução colocou um enorme desafio para a região e sobrecarregou as vias tradicionais de escoamento, com impactos sociais, ambientais e econômicos, agravados pelo aumento de acidentes e da poluição e pela deterioração da malha rodoviária, que responde pela maior parte do transporte de cargas na região.

Sem novos investimentos e alternativas mais racionais, quase todos os caminhos principais que interligam a região ao restante do País atingirão níveis críticos por volta de 2020, com toda sua capacidade superada entre pelo menos uma vez e até mais de oito vezes. Os trechos da BR-452 entre Rio Verde e Santa Helena e daí a Itumbiara, por exemplo, que hoje transportam, respectivamente, 31,2 mil e 35,6 mil toneladas de cargas por dia, diante de capacidade para 35,4 mil toneladas cada um, atingirão um fluxo diário de 107,7 mil e 114,7 mil toneladas em 2020, estourando sua capacidade em mais de três vezes. A BR-060, entre Brasília e Anápolis, teria seu fluxo aumentado para 42,5 mil toneladas, nada menos que 2,4 vezes mais toda sua capacidade.



Malha federal: rodovias como a BR-153 já não têm mais condições de suportar fluxo de veículos e cargas

FERROVIAS, UMA PRIORIDADE

A reestruturação dos modais prescrita pelo trabalho vai exigir que as ferrovias, contempladas em 26 projetos, incluindo a Norte-Sul, absorvam quase metade dos recursos (48,2% mais precisamente) previstos, somando R\$ 17,563 bilhões. Os portos responsáveis pelo despacho para o mercado externo de bens e mercadorias exportados pela região e pelo recebimento dos produtos importados pelos Estados do Centro-Oeste deveriam ficar com a segunda maior parcela, algo como R\$ 8,746 bilhões (23,3% do total), distribuídos entre 25 projetos. O objetivo é reduzir filas de navios e caminhões, descongestionar as áreas dos portos e acelerar todo o escoamento, com economia de custos.



“São 26 anos de promessas, indefinições e esperança. O momento é de ação. Vamos fazer valer os interesses do Centro-Oeste e do Brasil”

Pedro Alves de Oliveira, presidente da Fieg

“CHEGA DE CORRER ATRÁS DO PREJUÍZO”

A despeito dos avanços notórios realizados pela economia brasileira nas duas últimas décadas, afirma o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, persiste ambiente ainda hostil aos negócios, expresso na carga tributária elevadíssima, nos baixos índices no setor educacional e, sobretudo, nas dificuldades impostas por infraestrutura de transportes arcaica e desgastada. “Aqui está um dos maiores gargalos para a produção. As deficiências nesta área custam preciosos bilhões de reais que poderiam ser destinados pelas empresas para aumentar sua competitividade e lucratividade, resultando em mais investimentos, mais empregos e maior crescimento econômico”, sustenta.

Ao apresentar o trabalho a empresários e autoridades do setor público, na Casa da Indústria, no início de novembro, Pedro Alves defendeu a necessidade urgente de conclusão da Ferrovia Norte-Sul. A criação de uma alternativa de saída da produção de grãos e minérios pelos portos do Norte do País reduzirá “enormemente os custos do frete ferroviário, das operações portuárias e do transporte marítimo”, com queda significativa ainda nos preços de insumos essenciais para o funcionamento da economia regional. “Não dá mais para segurar. São 26 anos de promessas, indefinições e esperança. O momento é de ação. Vamos fazer valer os interesses do Centro-Oeste e do Brasil”, conclamou o presidente da Fieg, sugerindo que a ferrovia representará para o País “o mesmo impacto de desenvolvimento verificado por ocasião da construção de Brasília”. Ainda segundo ele, o País precisa romper com o círculo vicioso que o obriga a “correr atrás do prejuízo”. A economia brasileira, sustenta Pedro Alves, “não suporta mais tamanha desigualdade nos termos de competitividade internacional”.

MODELO DE PARCERIA

O presidente da Fieg lembra o processo de duplicação e modernização da BR-060, no trecho entre Goiânia e Jataí, como modelo bem-sucedido de parceria entre o setor privado e o governo federal, que poderia ser replicado em outros projetos daqui em diante. Segundo Pedro Alves, a federação e um grupo de empresários interessados na solução do gargalo imposto pelas limitações da rodovia doaram ao Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) os projetos básico e executivo da duplicação, com todas as licenças emitidas, o que facilitou a abertura da concorrência que escolheu as empresas responsáveis pelas obras. As providências tornaram possível, prossegue ele, reduzir em pelo menos dois anos o prazo de execução das obras, “executadas sem interrupções por suspeitas de superfaturamento”. Neste momento, acrescenta Pedro Alves, “outros trechos da malha rodoviária federal precisam ter sua duplicação acelerada, a exemplo da BR-153, em seu sentido norte”.

FRETES QUATRO VEZES MAIS ALTOS

Embora a movimentação de cargas tenha crescido em ritmo acelerado nas últimas três décadas, o País ainda dispõe dos mesmos corredores logísticos para escoar sua produção, declara o presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Goiás (Faeg), José Mário Schreiner. Na ausência de infraestrutura adequada para recepcionar toda a safra de grãos, que já se aproxima de 197 milhões de toneladas, quase 280% maior do que as 52,4 milhões de toneladas colhidas no ciclo 2003/04, a frota de caminhões serve de armazém, completa ele, gerando mais custos e roubando parte da competitividade do agronegócio, setor que tem sustentado as exportações num momento de elevada capacidade ociosa na indústria das principais economias do globo.

Numa comparação, Schreiner aponta que os produtores norte-americanos conseguem se apropriar de 95% do preço final da soja, enquanto no Brasil a fatia dos produtores tem se limitado a 78%. Em outras palavras, o custo logístico nos Estados Unidos corresponde a apenas 5% do preço final do grão, mas atinge 22% no caso brasileiro, praticamente quatro vezes mais elevado. Pedro Alves, presidente da Fieg, complementa a informação citando dados recentes apurados pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que mostram salto de 207% nos custos de frete no Brasil nos últimos dez anos, diante de elevações de 84% nos EUA e de apenas 56% na vizinha Argentina, principais concorrentes do País no mercado de soja.



José Mário Schreiner: produtor consegue se apropriar de 95% do preço da soja nos EUA, frente a 78% no Brasil

APROXIMAÇÃO COM AS BANCADAS

No que poderá se transformar na primeira “providência prática” para tirar da prancheta os projetos indicados pelo Centro-Oeste Competitivo, o governador de Goiás, Marconi Perillo, do PSDB, comprometeu-se a articular uma reunião, em data ainda indefinida, com todos os governadores da região para debater as alternativas logísticas apresentadas pela Macrologística, “adotar medidas que levem à realização das obras e cobrar definições do governo federal”.

Na avaliação do deputado federal Sandro Mabel (PMDB/GO), a grande importância do projeto está no fato de incorporar visão sistêmica da infraestrutura logística, integrando diversos modais e apontando soluções que permitirão operação mais eficiente no transporte de cargas e na exportação de bens e mercadorias. Mas ele defende integração maior entre as entidades que patrocinaram e apoiaram a execução do trabalho com as bancadas federais de seus respectivos Estados, principalmente se este processo for realizado de forma conjunta, o que aumentaria seu peso político.

“É preciso um maior entrosamento com as ban-



Sandro Mabel: “É preciso um maior entrosamento com as bancadas, porque são elas que fazem andar os projetos”

cadadas, porque são elas que fazem andar os projetos”, diz Mabel, lembrando que a atuação de deputados federais e senadores foi decisiva para colocar em andamento a construção e pavimentação da BR-080 desde Ribeirãoascalheira, em Mato Grosso, até o pátio de manobras da Ferrovia Norte-Sul em Uruaçu, passando por Luiz Alves. O trecho até a divisa entre Goiás e Mato Grosso, partindo de Ribeirãoascalheira, num trajeto de 170 quilômetros, deverá ser concluído no final de 2016, num investimento de R\$ 204 milhões.

UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

“Temos agora uma base de dados fundamental para construir a infraestrutura na região, com base num planejamento orientado para o crescimento ordenado e competitivo, que permitirá às empresas do Centro-Oeste conquistar mercados e atrair investimentos”, resume o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da Fieg, Célio de Oliveira. Essa base de dados, prossegue ele, dará as ferramentas para a construção de uma estratégia de crescimento sustentada por uma logística mais eficiente.

Wilson Oliveira, primeiro vice-presidente da Fieg, considera o trabalho “fundamental para a economia de Anápolis, especialmente”, face à inegável vocação logística da região, que tende a ser reforçada



Wilson Oliveira: diferencial competitivo para a região, com preço mais baixo e qualidade na produção

SÓ 18% DOS PROJETOS CAMINHAM

O esforço para conseguir colocar em movimento o Projeto Centro-Oeste Competitivo exigirá algo mais do que apenas maior aproximação entre o setor empresarial e as bancadas federais. Dentre os 106 projetos classificados como prioritários pelo estudo, quase um terço deles não tem uma fonte de financiamento definida e apenas 19 (menos de 18% do total) estão de fato em andamento, representando investimentos de R\$ 5,995 bilhões (16,4% do valor estimado para todas as obras necessárias).

Outras 28 intervenções (26,4% do total) encontram-se em fase de projeto, ainda sem editais prontos, correspondendo a R\$ 4,840 bilhões em valores aproximados (13,3%). Nada menos do que 55,6% dos projetos (59 deles) ainda estão em planejamento ou foram apenas “idealizados” pelo governo, embora respondam por 70,3% dos investimentos exigidos, somando R\$ 25,605 bilhões. Entre obras projetadas, planejadas ou apenas idealizadas, portanto, encontram-se 82% dos projetos prioritários (87) e 83,6% dos investimentos (R\$ 30,445 bilhões).



Célio de Oliveira: base para a construção de uma estratégia de um crescimento mais sustentado

quando os projetos vierem a ser implantados. A conclusão dessas obras, acrescenta Oliveira, é uma questão de “sobrevivência para a economia do Centro-Oeste”, contribuindo para “criar um diferencial competitivo para a região, unindo preço e qualidade na produção”.

POLÍTICAS DE ATRAÇÃO

Os números e projeções que acompanham o trabalho, comenta Edson Tavares, superintendente do Porto Seco de Anápolis, mostram que a “Ferrovia Norte-Sul já nasce com viabilidade econômica e operacional”. Adicionalmente, aponta ainda, como os dez eixos de integração logística propostos pelo estudo criariam uma alternativa competitiva para escoamento da produção pelo Norte do País, “o Sul terá de fazer uma política de atração para preservar o volume de cargas, o que significará novos ganhos para operadores logísticos e produtores”.

Tavares afirma que a conclusão da Norte-Sul “soluciona a questão do frete de retorno, o que permitirá reduzir o frete ferroviário”. Neste ano, o Porto Seco deverá movimentar em torno 1,35 milhão de toneladas, crescendo 12,5% em relação a 2012, quando foram movimentadas 1,2 milhão de toneladas, entre peças e partes de automóveis, insumos e matérias-primas para a indústria farmacêutica e cargas gerais. “Em cinco anos, com a Norte-Sul em funcionamento, atingiremos 5 milhões de toneladas”, estima.

ORGANIZAR É PRECISO

Serviço de consultoria empresarial prestado pelo IEL Goiás atende setores produtivos em necessidades específicas e gerais

Célia Oliveira

Empresa goiana de ramo altamente competitivo, dinâmico e caracterizado por inovações, a Telecomunicações de Goiás (Telgo), de Anápolis, que atua com comunicação multimídia, não precisou ir muito longe para conseguir encontrar um serviço que atendesse a suas expectativas e necessidades para mapear processos e buscar caminhos para a melhoria na prestação de serviços, como fase preliminar para a certificação ISO. Aqui mesmo, no Estado, contratou a consultoria empresarial prestada pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL), que ajudou diretores da companhia, em funcionamento há dez anos, a ver, organizar e conduzir os negócios com menos entraves, ajustando os processos às práticas de mercado. Todo o conhecimento foi disseminado aos 70 funcionários da empresa.

“A necessidade de mapear, organizar e melhorar processos, bem como buscar uma certificação no mercado que consiga respaldar a escolha dos clientes, é crucial para uma empresa num ramo competitivo como o nosso”, analisa o diretor executivo, Maxwell Moreira Guimarães. Para



Maxwell Moreira Guimarães, da Telgo: trabalho crucial para a sobrevivência da empresa

ele, se os processos não estiverem desenhados e com foco no cliente, não há possibilidade de se manter no mercado e aí – acrescenta – o “trabalho de uma consultoria é muito enriquecedor para a empresa”.

DIAGNÓSTICO DE PROBLEMAS

Da mesma forma que a Telgo, a Marmoraria Gramita, situada em Goiânia, buscou a consultoria do IEL Goiás. A pequena empresa, igualmente com dez anos de mercado e 16 funcionários, cresceu de forma desorganizada, admite Rosicleide Lima, sócia-proprietária. “Nosso objetivo era encontrar orientação para organizar a empresa como um todo e, com um esforço contínuo, alcançamos”, diz entusiasmada.



“O IEL atendeu nossas empresas em 30 horas de treinamento e consultorias”

Eliton Rodrigues Fernandes, presidente do Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran)

Segundo ela, a diretoria não tinha visão real da empresa e, depois da consultoria, passou a verificar os pontos fortes para melhorar a marmoraria e a analisar o potencial, considerando as mudanças de mercado. “Conseguimos diagnosticar vários problemas graves os quais não conseguíamos ver e, aos poucos, estamos resolvendo-os”.

Filiada ao Sindicato das Indústrias de Rochas

Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran), a Gramita participou da consultoria do IEL por meio do Programa de Desenvolvimento Empresarial, elaborado para atender à entidade. De acordo com o presidente do Simagran, Eliton Rodrigues Fernandes, todos os processos de consultoria foram bons para o ramo da atividade. “Todos os momentos da consultoria foram bem aproveitados”.

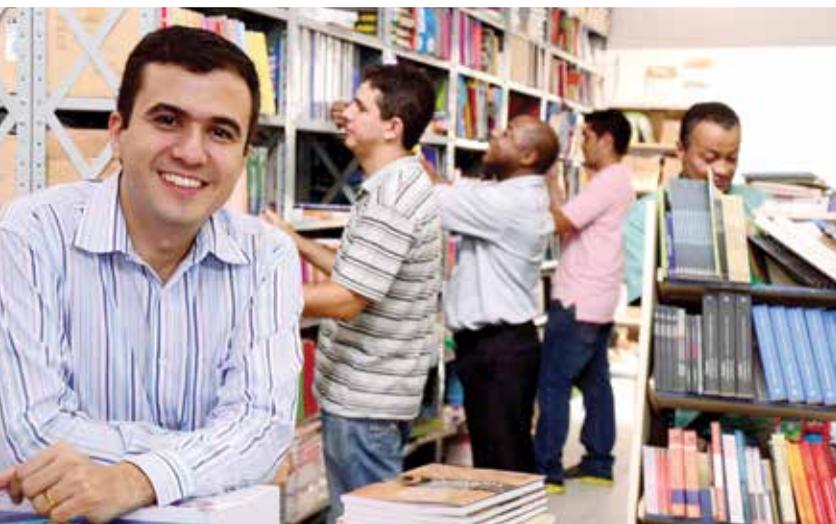
CONSULTORIA PARA TODOS

No mundo atual, desapareceu o paradigma segundo o qual apenas as grandes organizações recorrem à consultoria, uma ferramenta de gestão que induz ao conhecimento do negócio e à busca por soluções que tragam crescimento ordenado e competitividade, respostas ou saídas para os desafios encontrados diariamente e visão global.

“Contratei uma consultoria, pois precisava profissionalizar os processos e a administração”, explica Leandro Almeida, diretor da Leart Livros. Aos 12 anos de funcionamento, a atacadista e varejista de livros passou por grande crescimento nos últimos 12 meses e, por isso mesmo, “tornou-se necessário organizar a empresa melhorando a performance das atividades”. Segundo o empresário, antes não havia padronização dos processos, o que deixava margem para erros. Agora, tudo está mapeado, o que favorece controle e medição de resultados.

Todo o conjunto de serviços de uma consultoria auxilia a empresa a atingir suas metas de forma organizada e planejada. “O olhar externo com visão mais crítica ajuda a conduzir as mudanças”, afirma o empresário, que avalia de maneira positiva o atendimento, a metodologia e os conteúdos repassados pelo IEL Goiás.

Leandro Almeida, da Leart: “olhar externo” ajudou a conduzir as mudanças de que a empresa precisava



*Major Cléber Aparecido dos Santos:
“Recorremos ao IEL por sua experiência de mercado”*

ACELERANDO O PROCESSO

As análises e estudos produzidos em uma consultoria oferecem às organizações amplos benefícios, como assertividade, agilidade em deliberações e otimização de estratégias. Esses conceitos foram traduzidos na decisão da Fundação Tiradentes, uma organização do terceiro setor ligada à Polícia Militar de Goiás, de também recorrer à consultoria do IEL. De acordo com o diretor administrativo, major Cléber Aparecido Santos, a instituição queria acelerar a implantação do Sistema de Gestão da Qualidade para obter a certificação ISO 9001. “Recorremos à consultoria do IEL pela sua experiência de mercado e pela parceria já existente em outros projetos e nossos objetivos foram alcançados com sucesso. Em setembro deste ano, fomos certificados”, comemora Santos.

FERRAMENTA DE GESTÃO

Como organismo vivo, uma empresa enfrenta desafios infinitos e diários. De tempo em tempo, ela precisa resolver um desses fatores, muitas vezes atrelado a outro, os quais se puxam ou se entrelaçam como corrente.

A organização, por meio da alta direção e dos líderes gerenciais, deve acompanhar os cenários interno e externo para buscar alternativas que promovam as melhorias e adequações de acordo com as exigências de mercado. “Para isso, a consultoria é ótima opção e fundamental dentro da empresa, independente de porte e segmento”, explica a consultora do IEL Goiás, Angélica de Sant’Ana.

Esse conjunto de serviços auxilia na visualização profunda da empresa, na identificação de problemas, na busca de alternativas para elaborar uma proposta de resoluções desses problemas com uma atuação mais objetiva e realista. “Ao envolver estudos de viabilidade, planos de negócios, gestão de vários setores, inovação e diagnósticos para situações específicas, a consultoria se converte num processo interativo onde o consultor externo tem o compromisso de auxiliar a organização a otimizar, organizar e fazer crescer suas atividades.”

A inteligência do agronegócio brasileiro



Instituto de
Pesquisas
Agroeconômicas



Pesquisas e análises de mercado para os segmentos de:

SOJA – MILHO – TRIGO – CAFÉ – AÇÚCAR E ETANOL – BIOENERGIA - ALGODÃO – BOI – FRANGO – SUÍNO – ARROZ – FEIJÃO

Ferramentas avançadas de agribusiness intelligence monitoram e avaliam:

- Hábitos de consumo dos integrantes das várias cadeias produtivas
- Satisfação e expectativa dos clientes
- Comportamento e perfil dos consumidores
- Testes para lançamentos de novos produtos
- Visibilidade da marca e a opinião pública
- Produtos e serviços concorrentes

www.safras.com.br
Tel.: (51) 3224-7039



SENAI GOIÁS MUDA REALIDADE DE CIDADE MINEIRA

Entidade do Sistema Fieg desenvolve programa para capacitar mão de obra em manutenção de máquinas agrícolas, pintura e patchwork

Janaina Staciari

Cidade mineira localizada na área de influência da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (Ride), Cabeceira Grande fica a 130 quilômetros de Brasília e é a única cidade de Minas Gerais que faz divisa física com o Distrito Federal. Sua economia é baseada na agropecuária, com médios e pequenos produtores. Não há indústrias instaladas e o comércio é acanhado. As ofertas de empregos não atendem à demanda e o maior empregador é o governo municipal.

Presente ali desde 2010, quando iniciou a implantação do Arranjo Produtivo Local (APL) de Artesanato, o Senai Goiás retoma no município ações destinadas a gerar emprego e renda à população. Em 2013, a atuação abrangeu capacitações nas ocupações de eletricitista de máquinas agrícolas, mecânico de manutenção de tratores (sistemas hidráulicos e estrutura), além de cursos de pintura em tecido e patchwork. Assim como a implantação do APL de Artesanato, voltado para gerar renda sobretudo para as mulheres, as novas capacitações seguem a mesma estratégia de observar a vocação local.



Peças confeccionadas pelas alunas do curso de artesanato: arranjo produtivo promove inserção econômica e social na região

DE ARTESANATO A MECÂNICA AGRÍCOLA

“Tanto os cursos de artesanato quanto essas capacitações em mecânica agrícola são essenciais para nosso município”, afirma o prefeito Odilon de Oliveira e Silva. Ele explica que os produtores chegam a trazer gente de fora da cidade para dar manutenção em seus equipamentos. “Acredito que com o término destes cursos”, completa, “isso não será mais necessário.” A vice-prefeita, Lília Viana de Siqueira, compartilha o entusiasmo. “Sempre tivemos o Senai como grande parceiro e este ano tivemos a receptividade de sempre. Esses cursos de manutenção de máquinas vão gerar empregos para nossos moradores e facilitar a vida dos produtores rurais do município e dos distritos próximos”, acredita.

OPORTUNIDADES NO MERCADO

Concluinte das capacitações de eletricista de máquinas agrícolas e mecânico de manutenção de tratores, Moisés Rodrigues da Silva, de 18 anos, já havia conseguido trabalho após a conclusão do primeiro curso. “Não tinha conhecimento nenhum de mecânica antes de começar aqui. Eu sabia um pouco da parte elétrica porque fiz anteriormente curso com o Senai também. Depois que eu terminei elétrica, consegui um emprego com um mecânico aqui da cidade. Ainda tenho muito a aprender, mas estou gostando bastante”, diz.

Para marcar o encerramento das capacitações na área mecânica, os alunos, sob orientação dos professores, vão reformar um trator da prefeitura que estava parado por falta de manutenção. “É uma forma de colocar em prática o conhecimento adquirido e agradecer à prefeitura de Cabeceira Grande pela oportunidade que nos proporcionou”, afirma Evanildo Maia de Oliveira, mecânico com 32 anos de experiência.

VOCAÇÃO LOCAL

No âmbito da APL de Artesanato de Cabeceira Grande, os primeiros cursos foram de bordado em pedraria, decoupage, biscuit, fuxico, bombom de chocolate, artesanato em velas, embalagens, pintura em tecido, ludicidade, qualidade no atendimento ao cliente, formação do preço de venda. Na ocasião, cerca de 300 pessoas foram beneficiadas com cursos e palestras.

A escolha pelo artesanato se deu após pesquisa realizada no município, que indicou a demanda pelas capacitações. Além dos cursos, foram realizadas palestras sobre motivação para vender mais e melhor; como agregar valor em vendas; artesanato e design, além de assistência técnica em produção. A dona de casa e artesã Marilene Vieira dos Santos, 42 anos, acredita que os cursos de artesanato vão lhe proporcionar renda extra. “Esse artesanato ajuda muito. Eu pretendo ganhar dinheiro fazendo essas coisas para vender”.



O instrutor Luiz Alberto e alunos do curso de manutenção de máquinas agrícolas: trator será reformado e entregue à prefeitura

QUASE 3% DO PIB

Bom negócio no Brasil, o artesanato pode ser um dos caminhos para o desenvolvimento social. De acordo com levantamento realizado pelo Ministério do Desenvolvimento, atividade movimenta cerca de R\$ 28 bilhões por ano, o que corresponde a 2,8% do Produto Interno Bruto (PIB).

A renda gerada pelo segmento supera a de indústrias tradicionais, como vestuário (2,7%) e bebidas (1%), e chega próximo de uma das mais tradicionais indústrias brasileiras, a automobilística, responsável por pouco mais de 3% do PIB. O desempenho dá ao artesanato status de grande potencial para a inclusão econômica e social. “Nesse sentido, o Senai atua, transformando o conhecimento em negócio rentável, convergindo ações de capacitação, adequação da qualidade, embalagens, design, visão empresarial e de mercado. Será uma nova forma produtiva, que seguramente alavancará melhorias na renda familiar e contribuirá para a qualidade de vida (saúde, renda, educação, moradia e segurança) da comunidade local”, explica o coordenador de Projetos Especiais do Senai, Walmir Telles.

De acordo com a Organização Mundial de Turismo, com apenas R\$ 50 é possível garantir matéria-prima e trabalho para um artesão. Existem cerca de 8,5 milhões de pessoas que sobrevivem da cadeia produtiva do artesanato no País, com rendimento médio de dois a três salários mínimos mensais.

UMA AGENDA ARROJADA

Sindicato das indústrias de extração de areia em Goiás busca ampliar a formalização das empresas, com a criação de um ambiente favorável aos negócios e investimentos.

O Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás (Sindiareia), sob o comando do empresário Gilberto Martins da Costa, persegue agenda ambiciosa, que envolve planejamento estrategicamente desenhado para ampliar sua base e reforçar a atuação, com apoio das unidades do Sistema Fieg, atrair para a formalidade maior número de indústrias e tornar o setor mais competitivo, com responsabilidade social e respeito ao meio ambiente.

Uma das primeiras medidas, alcançadas após intensas negociações com o governo estadual, foi adotada neste ano, permitindo a redução da carga tributária imposta ao setor de extração e processamento de areia, o que deverá estimular avanço na formalização das empresas do setor, segundo Costa. A alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) nas operações internas foi reduzida de 17% para 3%, o que deverá adicionalmente agregar maior competitividade a toda a cadeia. A proposta, acrescenta Costa, é contribuir para a construção de



Gilberto Martins da Costa: redução da carga tributária, inovação e competitividade, com respeito ao meio ambiente e responsabilidade social

ambiente que favoreça o desenvolvimento dos negócios e o aumento dos investimentos, com sustentabilidade social e ambiental. Como vice-presidente da Câmara Setorial da Indústria da Construção, o presidente do Sindiareia defende que o setor extrativo de areia consolide sua posição como fornecedor de insumos, “com aplicação de novas tecnologias e inovação, que vão assegurar o aumento de sua competitividade”.

Costa acrescenta que tem sido desenvolvido trabalho conjunto com a Fieg e a CNI para a retirada do PIS e da Cofins incidente sobre a indústria extrativa de areia. Ele acrescenta que o Sindiareia tem feito esforços para divulgar o trabalho desenvolvido por todo o Sistema Fieg para as empresas do setor extrativo de areia, como estratégia para fortalecer o sindicato. O sindicato oferece consultoria gratuita a novos investidores e, às empresas associadas, com apoio do Sesi, Senai e IEL, cursos e seminários para qualificação e formação de empresários e trabalhadores. Em outra frente, o Sindiareia articula com o governo do Estado a padronização da venda de areia, como parte do projeto de formalização do setor. A ideia, expõe Costa, é que o produto seja vendido em toneladas, “para que o consumidor saiba o que está comprando e não seja enganado”.



Extração de areia: setor obteve redução de carga tributária e busca modernização tecnológica

FÔLEGO DOMÉSTICO

Força do mercado interno anima empresas a investir, mas setor poderia quase quadruplicar a produção se recebesse estímulos e políticas adequadas

A indústria de rochas ornamentais em Goiás chegou a exportar pouco mais de US\$ 1,53 milhão em 2005, mas as vendas vieram em queda de lá para cá e desde 2012 não há registros oficiais de embarques de granitos a partir do Estado. Na contramão do setor externo, o mercado doméstico continua experimentando taxas aceleradas de crescimento, sustentadas pelo avanço da construção civil, avalia o presidente do Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran), Eliton Rodrigues Fernandes.

O sindicato tem concentrado todos seus esforços no desenvolvimento da cadeia produtiva do setor no Estado, buscando articular-se com instâncias do poder público responsáveis pela definição de políticas para o segmento, especialmente na área ambiental. Para Fernandes, Goiás apresenta grande potencial para exploração de granitos vermelhos, cinzas, pretos e marrons, além do mármore. “Mas essa vantagem não tem sido explorada adequadamente”, observa.

Para tentar suprir alguma dessas carências, o Simagran tem trabalhado no apoio às empresas do setor no processo de licenciamento ambiental, além de oferecer, em parceria com as entidades do Sistema Fieg, assessoria jurídica, orientação técnica e serviços sociais. Como resultado, o sindicato espera ampliar sua base, atualmente composta por 25 empresas. No Estado, estima Fernandes, 286 empresas atuam na extração e no processamento de rochas ornamentais, gerando aproximadamente 3 mil empregos.



Esforço concentrado: Simagran trabalha para promover o desenvolvimento da cadeia produtiva do setor no Estado

FALTAM ESCALA E DIVERSIFICAÇÃO

A produção goiana de rochas ornamentais poderia ser multiplicada por quase quatro, caso as condições de operação impostas pelo mercado às empresas fossem mais favoráveis. O cálculo é de Norbélcio Mendanha, responsável pela área comercial da Rio Granito, exploradora de granitos e mármore com fábrica instalada no polo agroindustrial de Senador Canedo, na Região Metropolitana de Goiânia, onde produz entre 4 mil e 5 mil m² de chapas polidas por mês, empregando 38 pessoas. Atualmente, estima Mendanha, a indústria processa em torno de 800 m³ de rocha em estado bruto, mas poderia produzir perto de 3 mil m³ tomando como base o potencial das jazidas existentes. De acordo com o geólogo Luiz Vessani, vice-presidente da Câmara Setorial de Mineração da Fieg, a indústria de rochas em Goiás ainda precisa alcançar nível mais elevado de diversificação e escala que justifique sua verticalização e a atração de investimentos para o setor.

PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS

Ainda no Estado, na avaliação de Vessani, a produção de maior relevância, em volume, está concentrada em granitos vermelhos, originários das regiões de Jaupaci e de Piranhas, no Oeste Goiano, que apresenta preços mais baixos no mercado. Também em Jaupaci, registra-se a ocorrência de granitos marrons. Em Vila Propício, Região Centro Goiano, ocorrem os mármore bege; em Iporá, também no Oeste, o cinza prata (conhecido como “Ás de Goiás”); em Porangatu, no Norte do Estado, predomina o mármore branco. Segundo Vessani, os mármore bege de Vila Propício e o branco de Porangatu são dois materiais de boa qualidade, com potencial de mercado e “jazidas excelentes”, ainda em fase de testes.

EBM APOSTA EM QUALIDADE

A despeito das dificuldades, as indústrias do setor continuam investindo em projetos de expansão, destinados por enquanto a abastecer o mercado local. Atualmente com 45 funcionários e ocupando uma área de 1,5 mil m² na Avenida T-9, perto do Terminal das Bandeiras, no Jardim Europa, em Goiânia, a EBM Mármore e Granitos produz mensalmente 1 mil m², operando com corte, preparação, montagem, polimento, acabamento e entrega de peças ao consumidor final. “O mercado goiano experimenta grande expansão e estamos focados em empreendimentos de alto nível, que têm apresentado desenvolvimento rápido e surpreendente”, afirma Eliton Rodrigues Fernandes, que divide o comando da EBM com a esposa, Dercilene Pereira Fonseca Fernandes.

A história da empresa começou há 30 anos com o pai de Dercilene, Wagner Pereira Fonseca, na Avenida Chile, no Jardim América, onde a EBM ficou instalada até 1991. Neste momento, a empresa prepara-se para inaugurar uma nova etapa e receberá investimentos de R\$ 300 mil até meados do próximo ano na modernização de suas instalações, melhoria de qualidade, do ambiente e de processos, instalação de novos sistemas e de um showroom e ainda ganhará uma nova fachada. De acordo com Fernandes, a empresa, que vinha apresentando crescimento anual em torno de 25% a 30% nos últimos anos, deverá registrar incremento em torno de 10% em 2013. “A economia brasileira como um todo não teve bom desempenho neste ano”, justifica o empresário. Mas a expectativa é confirmar ritmo mais vigoroso no próximo ano.

RIO GRANITO AMPLIA OPERAÇÃO

A Rio Granito, retoma Norbélcio Mendanha, também investe para ampliar a produção de sua mina em Cocalzinho de Goiás, na Região Entorno do Distrito Federal, de onde extrai em torno de 80 m³ por mês do mármore Aurora Crema. Até o final do próximo ano, a produção deverá saltar 87,5%, para 150 m³, concluindo investimento de R\$ 500 mil, em valores aproximados. Os recursos serão destinados à aquisição de novos equipamentos de sondagem. A mineradora, que atende aos mercados de Goiás, Distrito Federal e São Paulo, deverá colocar no mercado em junho do próximo ano nova linha de granito, chamada Café Negresco, extraído em Uruana, na Região Centro Goiano, com produção prevista em 100 m³ por mês. Ainda em 2014, a empresa espera iniciar a operação de uma nova jazida de mármore próxima a Brasília. “A mina está em processo de liberação da portaria de lavra pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e estamos na reta final para conclusão do licenciamento ambiental”, antecipa Mendanha.



Eliton e Dercilene Fernandes: casal conduz negócios da EBM com foco em empreendimentos de alto nível

SEGURANÇA, UMA PRIORIDADE

Aplicação das exigências e práticas prescritas pela norma OHSAS 18001 melhora desempenho da empresa e reduz os riscos de acidentes

Primeira construtora no País a assegurar a certificação pelo ICQ Brasil com base em cinco conjuntos de normas diferenciadas – NBR ISO 9001, PBQP-H (nível A), NBR 16001, OHSAS 18001 e NBR ISO 14001 –, a Pontal Engenharia desenvolve um programa permanente para assegurar as melhores práticas e a gestão mais apropriada para tratar a segurança e a saúde de seus 90 empregados.

A implantação do sistema integrado de gestão da qualidade, ainda na década passada, atesta Grace Cury, engenheira de segurança e meio ambiente da construtora, trouxe melhorias significativas para o desempenho da empresa, levando a Pontal a estender a qualidade aplicada aos empreendimentos a todas as áreas, incluindo meio ambiente, saúde, segurança e o setor social. “Com essa preocupação latente, a Pontal iniciou uma série de ações voltadas, principalmente, aos colaboradores, visando a mudanças de pensamento e à quebra de um paradigma”, afirma Grace. Em operação desde o final de 2007, esse sistema integra processos de gestão de saúde e segurança, meio ambiente e de responsabilidade social, ressalta a engenheira.

No início, a construtora enfrentou resistências internas à implantação de procedimentos e práticas prescritas pela norma OHSAS 18001, referentes à saúde e segurança no ambiente de trabalho. Mas estava determinada a atingir suas metas e “entendeu que deveria começar a atender às necessidades de seus colaboradores”, conforme Grace. Um dos resultados foi um aumento considerável na utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs) e coletivos (EPCs), repetindo-se situações em que um trabalhador cobra seu colega “para que use os equipamentos,

com impacto positivo nos indicadores de acidentes de trabalho”.

O ICQ Brasil, instituição do Sistema Fieg que responde pela certificação de corporações em todo o País, alerta para situações testemunhadas durante a realização de auditorias, quando foram identificados casos de empresas que não dispunham de sistemas de controle do uso de equipamentos de segurança pelos empregados. A ausência de sistemas de gestão de EPIs e EPCs pode trazer complicações para as empresas, por exemplo, ao longo de processos na Justiça.

O projeto de conscientização da força de trabalho na Pontal, lembra Grace, contempla a aplicação de um programa elaborado de treinamentos, envolvendo um técnico e um estagiário de segurança, mestres de obras, encarregados e engenheiros, em colaboração com a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa).



Pontal Engenharia: construtora desenvolve trabalho para preservar a segurança e o bem-estar de seus funcionários

EFICIÊNCIA NO CONTROLE DE CARGAS

Sistema desenvolvido pela Data Traffic, premiada na fase regional do Prêmio Finep, ajuda a tornar mais eficaz o trabalho da fiscalização tributária

Especializada no desenvolvimento e fornecimento de sistemas inteligentes para controle, planejamento e fiscalização do trânsito, com aplicações ainda nas áreas de segurança pública, inspeção veicular e engenharia, a Data Traffic nasceu em 1996, já sob a marca da inovação. Dedicada inicialmente ao segmento de processamento de dados e serviços de informática, a empresa goiana atravessou a fronteira da tecnologia da informação, passando a oferecer também soluções tecnológicas para empreendimentos de engenharia, com destaque para obras de saneamento, infraestrutura urbana, projetos rodoviários, obras de artes especiais e aeroportos. A expertise conquistada na área de informática permitiu à empresa diversificar sua carteira de produtos e desenvolver o Sistema de Apoio à Fiscalização Tributária (Data-Tax), resultado de quatro anos de pesquisas e o mais recente vencedor da etapa regional do Prêmio Finep de Inovação, em sua versão 2013, na categoria média empresa. “A premiação nos deu a certeza de que estamos no caminho certo. Com o incentivo financeiro, vamos reforçar o investimento em inovação”, afirma Júlio César Monteiro Borges, gerente de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) da Data Traffic, referindo-se ao prêmio de R\$ 300 mil recebidos pelo projeto vencedor na Região Centro-Oeste.

Atualmente com 160 funcionários, dos quais 20 lotados na área de P&D, a Data Traffic desenvolveu o Data-Tax para operar como suporte ao trabalho de fiscalização de cargas em postos fazendários, facilitando o trabalho dos fiscais e dificultando, portanto, a ação de sonegadores. Instalado em pontes, antes dos postos fiscais, o sistema permite a pesagem automática de veí-

culos em alta velocidade, além de identificar os caminhões, com leitura de placas, e classificá-los segundo o número de eixos e tara, comparando com as especificações da Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT).

Os dados são transmitidos também automaticamente para a fiscalização nos postos, enquanto o motorista é informado, por meio de um painel de mensagem variável, que deverá conduzir seu veículo para pesagem. O sistema já está em uso na barreira da Secretaria da Fazenda de Goiás instalada no Posto JK, em Itumbiara, e também em Pernambuco, igualmente contratado pela Secretaria da Fazenda daquele Estado.

Júlio César Monteiro Borges: “A premiação nos deu a certeza de que estamos no caminho certo”



RUMO A 2020

Grupo tem planos para atingir faturamento de R\$ 1 bilhão em sete anos, gerando empregos para 3 mil pessoas até lá, sextuplicando sua receita

Em pouco mais de uma década, o Grupo GSA cresceu nada menos do que 24 vezes, multiplicando seu faturamento anual de apenas R\$ 7 milhões, em 2002, para algo próximo a R\$ 170 milhões neste ano, o que corresponderá a um avanço de quase 40% em relação a 2012. Nos próximos sete anos, o grupo espera crescer quase seis vezes, entrando para o clube reservado das empresas com receitas anuais na faixa de R\$ 1 bilhão e abrindo empregos para 3 mil pessoas, três vezes e meia a mais do que as 850 empregadas atualmente.

A empresa já vem se preparando para isso ao desenvolver as bases que sustentarão seu avanço sustentável e duradouro ao longo do tempo, afirma o diretor-presidente do grupo, Sandro Marques Scodro. Os investimentos ganharam substância a partir de 2011, quando o Grupo Mabel, até então controlador da GSA Gama Sucos e Alimentos, foi vendido para a Pepsico. A Gama deu origem ao grupo atual e deverá, em 2020, quase dobrar o faturamento realizado pela Mabel antes de sua venda, superando uma receita de R\$ 550 milhões.

“Este tem sido um ano desafiador para o grupo. Atingimos um ponto em que não somos mais uma empresa pequena, temos estrutura de grande empresa, mas faturamento ainda de uma indústria de pequeno ou médio porte”, define Scodro. Em 2013, o grupo voltou seu foco para a consolidação dos investimentos realizados nos dois anos anteriores, envolvendo a aquisição, em novembro de 2012, da Velly Alimentos, dona da marca Produtos Paulistas, incluindo condimentos, farinhas, farofas, grãos, pipocas para micro-ondas, produtos derivados do milho, polvilhos, produtos naturais, refrescos e misturas para bolos, adequações das linhas de produção e marketing, num total aproximado de R\$ 75 milhões.



Sandro Marques Scodro: em projeto de crescimento, empresa não descarta novas aquisições mais adiante

NOVA FÁBRICA, MAIS MODERNA

Na terceira semana de outubro, o Grupo GSA assinou com o governo do Estado protocolo de intenções para modernização e ampliação de seu parque industrial em Aparecida de Goiânia, num projeto de aproximadamente R\$ 34,6 milhões, já enquadrado na linha empresarial do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO). “O investimento total, na verdade, deverá superar R\$ 40 milhões, porque já havíamos realizado a importação de algumas máquinas”, acrescenta Sandro Scodro.

Os recursos serão investidos numa nova fábrica no Polo Industrial Goiás, em Aparecida de Goiânia, na mesma área ocupada pela Velly Alimentos, num terreno de 40 mil m², dos quais



Fábrica atual em Aparecida de Goiânia: em ano desafiador, grupo mantém investimentos em sua expansão

apenas 7 mil m² estavam edificadas. “Estamos ampliando a área construída para 26 mil m² e montando uma fábrica moderna, com fluxo produtivo que nos trará ganhos de eficiência e produtividade”, detalha Scodro. Além de refresco em pó, misturas para bolos, temperos, pipoca para micro-ondas e os demais produtos que já faziam parte do portfólio da Velly, a planta ampliada ganhará novas linhas para a produção de macarrão instantâneo, incorporando maquinário importado do Japão e da China, com capacidade para processar 450 pacotes por minuto.

INAUGURAÇÃO EM 2014

A inauguração da nova fábrica deverá ocorrer entre fevereiro e março do próximo ano, gerando 400 empregos diretos e outros 1,2 mil indiretos, com incorporação de linhas mais modernas e de novas atividades. O projeto inclui ainda a construção de um centro de distribuição com 10 mil posições de palets para dar suporte à expansão programada. “O investimento está quase todo concluído”, afirma Scodro. Para cumprir o cronograma estabelecido, o grupo recorreu ao mercado financeiro para captar recursos enquanto não era liberado o dinheiro do FCO.

DE OLHO EM NOVAS OPÇÕES

O Grupo GSA, dono das marcas Gan Power (energético), Sandella (macarrão instantâneo, tempero em pó, tempero pronto, gelatina e achocolatado) e Refreshant (refresco em pó), além de Icebel e Yolle, tem planos de retomar aquisições em 2015. “Este é um processo que ainda está sob avaliação, já que nosso foco, atualmente, está inteiramente concentrado em nossas operações”, declara Sandro Scodro.

Ao longo desse percurso, o grupo analisa ainda um leque de opções para dar sustentação aos planos de crescimento até 2020, que deverá contemplar possivelmente a abertura de capital, com lançamento inicial de ações, ou a participação de um fundo de private equity, o que somente deverá ser decidido, no entanto, quando o faturamento atingir a faixa de R\$ 700 milhões, num horizonte ainda não totalmente revelado pela empresa.

O grupo, acrescenta Scodro, tem realizado investimentos na área de compliance e de boas práticas de governança, com a constituição de um conselho consultivo formado por três membros externos e a contratação de auditoria externa, hoje realizada pela KPMG. “Temos preocupação ainda com nossa responsabilidade social. Entre outros projetos nesta área, construímos 200 casas para nossos funcionários em Aparecida de Goiânia”, ressalta o diretor-presidente do grupo.



No mercado: linhas de produção incluem desde energéticos ao macarrão instantâneo, além de temperos e achocolatados

PRONTA PARA DOBRAR SEU NEGÓCIO



Zuppani Industrial conclui investimento em subestação e vive expectativa de avançar sobre novos mercados na Região Sudeste a partir de 2014

Aos 30 anos, a Zuppani Industrial está preparada para dobrar sua produção e avançar sobre novos mercados, buscando consolidar sua liderança nos segmentos de desinfetantes e velas e conquistar a primeira colocação no setor de água sanitária nos mercados explorados atualmente pela empresa, que hoje concentra suas operações nas regiões Centro-Oeste e Norte. O projeto de expansão, afirma Ricardo Zuppani, um dos sócios da empresa que leva o nome da família, prevê o desembarque dos produtos da marca, em breve, na Região Sudeste.

Os planos da Zuppani só se tornaram possíveis após a instalação de uma subestação interna, que assegurou o suprimento de energia em volume e qualidade requeridos, num investimento da própria companhia. A expectativa é retomar o ritmo vigoroso observado até mais ou menos 2008, quando a empresa crescia a taxas de dois dígitos por ano. “Teremos condições de voltar a crescer de forma mais robusta”, aposta Eduardo Zuppani, que responde pela área comercial da empresa. Instalada atualmente numa área de 54 mil m² no Distrito Industrial Municipal de Aparecida de Goiânia (Dimag), a Zuppani Industrial controla ainda uma unidade de fabricação de velas, sob a tradicional marca São Tarcísio, em Salvador (BA), transferida em 2007 para aproveitar as sinergias criadas pela maior proximidade em relação à indústria petroquímica.

Engenheiro civil, Ricardo e sua esposa, Regina, inauguraram o negócio em 1983, com a compra da Velas São Tarcísio. Mas a operação foi iniciada em janeiro do ano seguinte, na Rua Jussara, Vila Brasília, em Aparecida de Goiânia, num espaço

de 360 m². “Quando compramos, a marca já estava há 25 anos no mercado, o que significa dizer que a São Tarcísio tem no mínimo 55 anos”, lembra Ricardo.

O ano de 1985 foi marcado pela expansão da área, que ganhou outros 360 m², e pela chegada de Eduardo, engenheiro eletrônico por formação, que veio de São Paulo para tocar a fábrica de pregos, negócio adquirido naquele ano da Carpa, surgindo a Indústria e Comércio de Velas e Pregos Zuppani. Três anos depois, a indústria transferiu-se para a Rua Anápolis, ainda na Vila Brasília, reunindo num mesmo espaço a produção de velas e pregos, e iniciou também a fabricação de desinfetantes. A mudança para o Dimag, inicialmente para um terreno de 24 mil m², ocorreu em 2000. Hoje, a Zuppani Industrial, incluindo a unidade baiana, emprega 349 pessoas e inclui em seu portfólio uma linha de 400 produtos de limpeza, abrangendo todas as apresentações, desde desinfetantes, ceras e água sanitária, até amaciantes, lava-roupa líquido, alvejantes, essências e, mais recentemente, até mesmo uma linha de cosméticos veterinários, para pequenos animais.

Ricardo e Eduardo Zuppani: os irmãos dividem o comando da empresa que completou seu 30º aniversário





» Encontro

Pedro Alves de Oliveira e Carlos Alberto de Paula Moura Júnior, presidentes da Fieg e do Sinduscon-GO, acompanhados de suas respectivas mulheres, Suely e Maria Beatriz, em recente jantar realizado por sindicalistas do Sistema Indústria.

» De Fortaleza para Goiânia

Presidente e vice do Sinprocimento, Luis Ledra (Lajes Anapolina) e Olavo Martins Barros (Amterco), em Fortaleza, durante o Enic, Encontro Nacional da Construção, em outubro, marcado por clima de otimismo com o ritmo atual de desenvolvimento do setor, que deve continuar até 2017, segundo garantiram palestrantes e especialistas no evento. O próximo Enic será em Goiânia, de 24 a 26 de maio do ano que vem, paralelamente à Fecontech, Feira da Construção que vai movimentar o Centro de Convenções.



» Reciclagem

Os irmãos Fabrício, Patrícia e Roberto Domingos, que administram a Copel Recicláveis, empresa foi fundada em 1976 por José Alvarenga dos Santos e tem ainda como sócios Roberto Domingos, pai do trio, e José Valentim Chiarelli. A indústria goiana, pioneira na reciclagem de papel, papelão e plástico, surgiu em Goiânia e ramificou-se em outras duas unidades, em Aparecida e Anápolis. A mais nova é a sede própria de 9 mil m², construída no Polo Municipal de Reciclagem de Aparecida de Goiânia. Para 2014, a meta da Copel é ampliar sua produção, apoiada na nova política do governo federal de intensificar e incentivar a reciclagem no País.

>> Embalagem

Goiás vivencia boom no mercado de embalagem e há alguns anos dispensa importação de soluções de outros Estados como São Paulo. A constatação é de Emerson da Silva e sua mulher Ediene, que em 2008 abriram a HG Facas para Corte e Vinco, com clientes do setor gráfico na capital, no interior goiano, na Bahia e no Tocantins, entre outros Estados. Para 2014, o casal pretende ampliar o investimento em tecnologia e equipamento.

>> Peixe

Há nove anos, Carlos Almeida decidiu apostar na produção de peixes em grande escala. Ele e a família comandam a Frigoind, em Itauçu, pioneira na região, que recebe peixes de cerca de mil criatórios. Sua meta para 2014 é oferecer aos mercados de Goiás, do Distrito Federal, de Minas Gerais, São Paulo e do Rio de Janeiro oito toneladas de filé de tilápia por dia. Ainda este ano, a indústria começará a aproveitar subprodutos do peixe e inovará com bolinhos, linguça e quibe.

>> No circuito natalino

Aberta oficialmente no dia 8 de novembro, com a chegada do Papai Noel, a decoração de Natal do Flamboyant Shopping Center, que aborda os temas Valsa de Brinquedos e Majestoso Natal, foi desenvolvida pela Cipollatti, uma das maiores empresas do ramo na América Latina. Suas locações natalinas incluem peças de fornecedores como a goiana Fabiamce, de Goiânia, em parceria com a indústria local Racional, do casal Francisco Trindade e Maura, que produz caixas personalizadas de formatos especiais em papelão ondulado.



>> Couro 1

José Eduardo de Andrade Neto (Fieg), João Essado, presidente do Sindicaturme, e Etevaldo Zilli, diretor executivo da Associação Brasileira dos Químicos e Técnicos da Indústria do Couro (Abotic). Na pauta da reunião, o 20º Encontro Nacional do setor, dias 20, 21 e 22 de novembro, na Fieg, com presença de empresários e técnicos de todo o Brasil. O evento é sediado em Goiás pela segunda vez – a primeira foi em 1997 – e tem como público alvo técnicos de indústrias de curtumes e empresários do ramo.

>> Couro 2

Do Sul do País, Etevaldo Zilli lembrou que a “geografia do couro mudou” e que o Rio Grande do Sul não lidera mais como polo calçadista, apesar de oferecer tecnologia e conhecimento para que os produtores atuais possam exportar um couro finalizado ou semifinalizado com maior valor agregado. “Um couro de qualidade é um material sem marcas da infestação de parasitas ou riscos em cercas de arames, espinhos ou árvores. Por isso, o gado confinado tem sido uma opção melhor para este fim”, contou.

>> Creche

Os empresários Eliton Rodrigues Fernandes (EBM Mármore e Granitos), sua mulher Dercilene Fernandes e Felipe Inácio (Consciente Construtora) foram alguns dos parceiros da indústria que ajudaram a construir o Centro de Educação Infantil Nossa Senhora de Nazaré. A creche, no Setor Sol Nascente, se tornou realidade depois de um ano e meio de obras e vai abrigar 100 crianças carentes enquanto seus pais trabalham.





» SIMELGO

Novos diretores

A posse da nova diretoria do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo), eleita em outubro em chapa única, ocorreu no primeiro dia de 2014. O atual presidente, Orizomar Araújo, transferiu o cargo para o empresário Hélio Naves e assumiu a 1ª vice-presidência. A diretoria passa a ser composta ainda pelos empresários Altair Gomes Gontijo (2º vice-presidente), Jerônimo David de Sousa (1º diretor secretário), Sullivan Fernandes Rosa (2º diretor secretário), Valéria Mastrela de Freitas (1ª diretora financeira) e André Luiz da Silva (2º diretor financeiro). A posse festiva está prevista para o dia 11 de janeiro.



Honra ao mérito

O Simelgo homenageou sete empresários e personalidades que se destacaram e têm contribuído para o crescimento do setor no Estado, com a concessão de títulos honoríficos e da Medalha de Honra ao Mérito Ministro Aquino Porto, já em sua sétima edição. A comenda foi entregue, em solenidade realizada no salão nobre do Sesi Clube Ferreira Pacheco, a Sullivan Fernandes Rosa (Central Metalúrgica Catalana), Nelson Aníbal Lesme Orué (assessor técnico da Fieg), Luigi Tucci (Rodisco Indústria Metalúrgica), Eliane Regina Ferreira Melo (Meta Hospitalar Equipamentos Hospitalares), Hélio Naves (vice-presidente do Simelgo), Orizomar Araújo Siqueira (presidente do Simelgo), José Nicácio Pacheco (Redemil Implementos Rodoviários), Múcio Bonifácio Guimarães (chefe de gabinete da Sefaz-GO) e Setembrino Mastrela (Audiofix Transformadores).



Botequim

No dia 30 de novembro, no Sesi Clube Ferreira Pacheco, o Simelgo realizou a segunda edição do Botequim do Simelgo, com participação de associados e diretores do sindicato.



Noite dos maçons

Orizomar Araújo, presidente do Simelgo, foi um dos homenageados da 5ª Noite dos Maçons em Destaque, festa promovida pelo Programa Maçonaria em Foco e pela revista União de Goiás, pelos relevantes serviços prestados à Ordem Maçônica. Na foto, Araújo recebe o prêmio das mãos de Esmara Oliveira Borges.

» SINDIPÃO

Regulação e crédito

O Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás (Sindipão) promoveu, no dia 10 de dezembro, no Palácio da Indústria, em Goiânia, uma série de palestras com temas de interesse do setor. O superintendente regional do Trabalho e Emprego em Goiás, Arquivaldo Bites, falou sobre as mudanças na Norma Regulamentadora – NR 12 de Segurança em Máquinas e Equipamentos, do Ministério do Trabalho e Emprego. Já o presidente da Agência de Fomento de Goiás, Luiz Maronezi, apresentou informações sobre as linhas de financiamento de máquinas e equipamentos da instituição.

Competitividade

No mesmo evento, o Sindipão realizou ainda apresentação sobre o Programa de Excelência da Gestão da Qualidade no Segmento de Panificação da Região Metropolitana de Goiânia, no âmbito do Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procompi), promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelo Sebrae.

» SIGEGO

Gestão tecnológica

Com apoio institucional do Sindicato da Indústria Gráfica do Estado de Goiás (Sigego), da Associação Brasileira da Indústria Gráfica – Regional Goiás (Abigraf/GO) e do Sistema Fieg, a Escola Senai Vila Canaã sediou o Ciclo de Palestras de Gestão Tecnológica 2013. O evento foi realizado pela Antalis, com suporte técnico da Associação Brasileira de Tecnologia Gráfica (ABTG).

Mecânica de manutenção

No final de outubro, o Sigego promoveu reunião com empresários do setor gráfico, no Palácio da Indústria, para apresentar o especialista José Roberto Soares de Lima, encarregado de ministrar, a partir de janeiro, o curso Mecânica de Manutenção em Máquinas Gráficas na Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna. Lima, contratado pelo Senai Goiás a pedido do Sigego, visitou diversas gráficas de Goiânia para conhecer a realidade do setor e aferir as necessidades das indústrias.

» SIEEG-DF

Comando renovado

A nova diretoria do Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e Distrito Federal (Sieeg-DF) tomou posse em 30 de novembro. O sindicato passa a ser presidido pelo empresário Domingos Sávio de Oliveira, com Luiz Antônio Vessani na vice-presidência, Eduardo Cavalcanti Campos como diretor-tesoureiro e Wilson Antônio Borges como diretor secretário.



» SINDIREPA

Resíduos sólidos

O Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa) comandou, no Palácio da Indústria, sede da Fieg, workshop sobre Gerenciamento de Resíduos Sólidos do Setor Automotivo. Após o evento, parte da diretoria do sindicato, o presidente do Sindirepa Nacional, Antônio Fiola, Elaine Farinelli e Luciana Machado, da Fieg, e Celma dos Anjos, da Agência Municipal de Meio Ambiente (Amma), participaram de almoço para comemorar os bons resultados do encontro.

Agenda

As diretorias do Sindirepa-GO e do Sindirepa Nacional foram recebidas na CNI pelo 1º secretário, Paulo Afonso Ferreira, para tratar de assuntos de interesse do setor de reparação automotiva.

Missão empresarial

Presidentes do Sindirepa, Ailton Aires Mesquita, da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, do Simplago, Olímpio Abrão, e do Conselho Temático Exterior, Emílio Bittar, participaram de missão empresarial na Coreia do Sul e no Japão. Na programação, fizeram visitas ao Centro Tecnológico da Hyundai-Kia e à Fábrica da Mitsubishi. Essas reuniões com o setor automotivo fazem parte uma estratégia de fomentar o surgimento de empresas fabricantes de autopeças no Estado de Goiás.

» SIVA

Reconhecimento

O presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), Jair Rizzi, participou da solenidade em homenagem ao governador Marconi Perillo, organizada pela Rádio Manchester, como forma de reconhecer os esforços da administração estadual em relação às obras estruturantes realizadas no município, a exemplo do Aeroporto de Cargas, do centro de convenções e do anel viário do Distrito Agroindustrial. Segundo observou, são obras importantes e que vão contemplar os mais diversos setores econômicos. Juntos, estes três empreendimentos somam cerca de R\$ 300 milhões em investimentos.

giro pelos sindicatos>>

>> SIFAEG

Fim de safra

O Sindicato da Indústria de Fabricação de Etanol do Estado de Goiás (Sifaeg), em parceria com a consultoria Datagro, realizou, no dia 13 de dezembro, na Casa da Indústria, o 4º Simpósio Datagro Sifaeg. Especialistas e autoridades do setor discutiram a situação atual e as perspectivas para o mercado mundial de açúcar e etanol. O simpósio marcou o encerramento da safra na Região Centro-Sul e teve como palestrantes Manoel Bertone, ex-secretário do Ministério da Agricultura e atualmente CEO do Benri, Guilherme Nastari, mestre em Agroenergia e diretor da Datagro, Otavio Tufi, consultor agrícola, e André Rocha, presidente do Sifaeg.

Frente parlamentar

O presidente executivo do Sifaeg, André Rocha, foi o palestrante convidado para falar pela indústria do setor no lançamento da Frente Parlamentar pela Valorização do Setor Sucroenergético, realizado em novembro pela Câmara dos Deputados, em Brasília. Rocha cobrou políticas públicas de apoio ao setor e o fim do subsídio aos preços da gasolina no País.



>> FIEG REGIONAL

Dia do Empresário da Indústria

A Fieg e sua Regional de Anápolis, assim como os sindicatos das indústrias da região, realizaram em outubro, naquela cidade, o Dia do Empresário da Indústria (foto). Com a presença de empresários, lideranças do setor produtivo e representantes do governo municipal, a celebração contou com uma palestra sobre Gestão das Relações do Trabalho: o Caminho para Ampliar a Produtividade e a Competitividade da Empresa, ministrada por Daniel Violante, consultor, coordenador do Grupo Técnico de Relações Trabalhistas e Sindicais da Associação Brasileira de Alumínio (Abal) e membro do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio).

>> Investimento público

O governador Marconi Perillo participou da reunião mensal de novembro da diretoria do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás. Acompanhado por representantes da Celg, Saneago, Secretaria de Infraestrutura, Agehab e Agetop, Perillo apresentou as perspectivas de investimentos até o final de sua gestão, destacando a aplicação de R\$ 3 bilhões em obras de saneamento, para expansão da rede de esgotos e a instalação de novas estações de tratamento. Para o presidente do Sinduscon-GO, Carlos Alberto de Paula Moura Júnior, esses recursos trarão impactos positivos para toda a economia. Ele articula novo encontro com Perillo para apresentar demandas e sugestões do setor.

>> SINDICER-GO

Temas estratégicos

O presidente do Sindicato das Indústrias Cêramicas do Estado de Goiás (Sindicer-GO), Henrique Morg de Andrade, considerou positiva a reunião com a área técnica da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, com o debate sobre Temas Estratégicos do Meio Ambiente, realizada na Casa da Indústria, em outubro. Presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente (CTMA) da Fieg, Morg e o presidente da entidade, Pedro Alves de Oliveira, também na oportunidade deram posse aos novos membros do conselho, que deverão contribuir para as discussões e gestão estratégica da área na federação.





» SICMA

Menos burocracia

A convite da diretoria do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), o secretário municipal de Gestão e Planejamento, Geraldo Lino Ribeiro, participou da reunião ordinária da entidade (foto), realizada no final de outubro. Ribeiro falou sobre os procedimentos para redução da burocracia na apreciação e liberação de projetos da área de engenharia e também na parte de licenciamento ambiental. A partir de um trabalho iniciado pelo sindicato – lembrou seu presidente Álvaro Maia –, já está sendo discutido com o Crea e o Cau, que representam os segmentos de engenharia e de arquitetura, um projeto para simplificar a liberação de projetos de edificação habitacional de até 150 m². A entidade também solicitou maior participação nos debates sobre a elaboração e execução do Plano de Mobilidade Urbana.

» SINDALIMENTOS

Em defesa da Base Aérea

O presidente do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (SindAlimentos), Wilson de Oliveira, representou o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, durante audiência pública (foto), realizada em outubro, para discutir o futuro da Base Aérea de Anápolis depois da desativação dos caças Mirage a partir de 31 de dezembro. Segundo ele, a iniciativa faz parte de uma série de eventos que estão sendo coordenados por um movimento da sociedade civil organizada, com o intuito de sensibilizar a presidente Dilma Rousseff a acelerar o andamento do Projeto FX-2, que visa à renovação da frota da Força Aérea Brasileira. Wilson de Oliveira, que é também vice-presidente da Fieg, observou que a Base Aérea de Anápolis e o Distrito Agroindustrial sempre tiveram papel relevante para o município e para o Estado sob o ponto de vista tecnológico e também de desenvolvimento econômico e social.

» SINDIFARGO

Nova diretoria

O Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo) elegeu em novembro sua nova diretoria para o biênio 2013-2015, que será presidida pelo empresário Heribaldo Egídio da Silva, da Equiplex. O secretário de Indústria e Comércio, Alexandre Baldy, e Evandro Tokarski (TKS Farmacêutica) assumem, respectivamente, a primeira e a segunda vice-presidência. A diretoria será composta ainda pelos empresários Walterci de Melo (Teuto) e Marcelo Reis Perillo (FBM).

Coleta amostral

O presidente executivo do Sindifargo, Marçal Henrique Soares, participou em Brasília do Seminário de Boas Práticas Regulatórias, realizado pela Anvisa, em parceria com o Programa de Fortalecimento da Capacidade Institucional para a Gestão da Regulação (Proreg), coordenado pela Casa Civil da Presidência da República. Soares (foto) apresentou os dados da coleta amostral de resíduos de medicamentos domésticos, desenvolvido como piloto para a implantação, no País, da logística reversa de medicamentos.



» SIMMEA

Em alto nível

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea), Robson Braga, comandou uma série de reuniões entre os meses de setembro e outubro, com vistas às discussões sobre a Convenção Coletiva de Trabalho de 2014 (foto). O sindicato sempre buscou manter elevado nível de diálogo com a representação laboral, inclusive, discutiu medidas cabíveis em relação a reclamações de empresários sobre possíveis coações a que alguns estariam sendo submetidos ante a um movimento de paralisação. A entidade se posicionou pela livre manifestação, mas com respeito, transparência e diálogo.





“Em 2013, entre janeiro e agosto, em alguns setores industriais Goiás gerou mais de 1/3 dos empregos da indústria brasileira.”

Silvio Inácio da Silva

Presidente do Conselho Temático de Relações do Trabalho (CTRT) da Fieg

PRODUZINDO E GERANDO EMPREGOS

A participação da indústria goiana no PIB brasileiro (IBGE/2010) foi de 2,5%. No mesmo período, a presença da economia goiana no PIB nacional atingiu 2,6%. Números quase semelhantes não constituem, neste caso, nenhuma coincidência. São apenas o claro demonstrativo do avanço da indústria sobre os demais segmentos da economia. Em síntese, é a indústria, em Goiás, representando, do ponto de vista estatístico, praticamente toda a economia do Estado.

Sabemos todos de nosso trabalho, da dimensão em cada um dos setores produtivos, das vitórias e conquistas, dos desafios e, também, dos obstáculos e dos gargalos. Atuando com os parâmetros da boa sinergia, a indústria goiana vai chegando muito perto das melhores referências no cenário da economia nacional. Isso é trabalho. E uma de suas principais e melhores consequências é a farta geração de emprego.

Os números são animadores. Em 2013, entre janeiro e agosto, em alguns setores industriais Goiás gerou mais de 1/3 dos empregos da indústria brasileira. Uma situação confortável – e animadora, por que não? – se com tanto emprego gerado a conclusão imediata é a de produção em larga escala. Temos por isso, portanto, o que comemorar.

Mas não vivemos só de boas notícias, infelizmente. Padecemos de infraestrutura de transporte inadequada, convivemos com legislação excessivamente complexa, burocracia excessiva e essa infundável deficiência no suprimento de energia. Resta-nos lutar contra isso. E nos ombrearmos com os passos resolutos da Fieg no enfrentamento de cada um desses desafios,

com debates, propostas e sugestões para que as melhores soluções possam ser alcançadas.

Mas a hora é mesmo de exaltarmos nossas realizações, ressaltando as bases de sustentação desse trabalho realizador. Temos acompanhado, nesses últimos anos, a expansão de indústrias já instaladas e a implantação de novas plantas industriais. Em parêntese com o avanço da indústria, a produção agropecuária também cresce, assegurando à primeira o indispensável suprimento da matéria-prima. E o apoio fundamental do Sistema FIEG, especialmente no campo da formação profissional. Pela importância estratégica, deve ainda ser realçada a contribuição que vem sendo dada pela concentração da produção de medicamentos genéricos no Estado de Goiás.

É um ciclo de realizações. E esse cenário se compatibiliza com o bom momento vivido pela economia goiana no seu todo. É uma fase de inegável dinamismo. Há vários anos vimos crescendo na média de dois pontos percentuais acima do crescimento da economia brasileira. E temos mantido diálogo aberto e bom relacionamento com as autoridades constituídas. Nesse aspecto, deve ser destacada a sintonia, nos gestos e nas ações, em torno da preservação dos incentivos fiscais, pela comprovação da importância estratégica desses benefícios para o fortalecimento da indústria como um todo.

O avanço de nossa economia vem de receita aparentemente simples, mas sustentada num perfil de alta sustentabilidade. Daí essa produção tão farta. E daí essa animadora contribuição para o cenário do pleno emprego no País.



SE A EDUCAÇÃO É CAPAZ DE TRANSFORMAR UM PAÍS, IMAGINA O QUE ELA PODE FAZER COM A SUA EMPRESA.

Leve a Educação de Jovens e Adultos para sua empresa. Investir na educação de seus colaboradores é sempre um ótimo negócio.

Por meio do programa Educação de Jovens e Adultos do Sesi – EJA, você pode melhorar a qualidade de vida dos seus colaboradores e a produtividade da sua empresa. Com a EJA, seus funcionários podem concluir os estudos em menos tempo, além de contar com material didático de primeira, professores capacitados e um certificado no final do curso. Tudo isso, sem custos para o empresário e para o trabalhador. Os cursos podem ser realizados na própria empresa e em qualquer horário. Trabalhador qualificado e motivado é certeza de muito mais rendimento.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO SESI – EJA

HORÁRIOS FLEXÍVEIS, DE ACORDO COM AS SUAS NECESSIDADES

Alfabetização – 240 horas – 6 meses

Ensino Médio – 1.200 horas

- 3 horas diárias (5 dias na semana) – 1 ano e 8 meses*
- 3 horas diárias (4 dias na semana) – 2 anos e 1 mês*
- 2 horas diárias (5 dias na semana) – 2 anos e 6 meses*
- 2 horas diárias (4 dias na semana) – 3 anos e 2 meses*

Ensino Fundamental 1º Segmento - 2º ao 5º ano – 800 horas

- 3 horas diárias (5 dias na semana) – 1 ano e 2 meses*
- 3 horas diárias (4 dias na semana) – 1 ano e 5 meses*
- 2 horas diárias (5 dias na semana) – 1 ano e 8 meses*

Ensino Fundamental 2º segmento – 6º ao 9º ano – 1600 horas

- 3 horas diárias (5 dias na semana) – 2 anos e 3 meses*
- 3 horas diárias (4 dias na semana) - 2 anos e 10 meses*
- 2 horas diárias (5 dias na semana) – 3 anos e 4 meses*

CONSULTE TAMBÉM OUTRAS OPÇÕES DE HORÁRIOS.

* O cálculo do tempo é feito como uma média de prazo, de acordo com os horários disponíveis da empresa. Os horários e prazos podem ser customizados com período mínimo de 2 horas por dia.

99% de sucesso. Pode bater o martelo.

6ª Corte de Conciliação e Arbitragem.
Questões judiciais resolvidas em até 30 dias.



Sistema Fieg/Ascom

Soluções de conflitos que envolvem questões industriais, comerciais, bancárias, trânsito, alugueis, entre outras, de forma segura, rápida e sem burocracia.

O Acordo é título executivo judicial, não cabendo recurso.

Processo totalmente sigiloso.

Baixíssimo custo.

Atendimento de segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas.

www.sistemafieg.org.br

6ª Corte de Conciliação e Arbitragem

Av. Anhanguera, Nº 5.440, Térreo, Edifício José Aquino Porto

Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO – CEP 74043-010

Telefone (62) 3216-0441 / E-mail: sextacorte@sistemafieg.org.br

